

GT-91



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Análise do Crescimento da População
da Cidade de Maputo, 1970-2000

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção
do grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Eduardo Mondlane

JAIME JOSÉ CHAÚQUE

Maputo, 2004

GT.91

**ANÁLISE DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO
DA CIDADE DE MAPUTO, 1970-2000**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em **Geografia** na Universidade Eduardo Mondlane.

JAIME JOSÉ CHAÚQUE

Departamento de Geografia
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

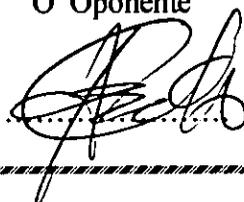
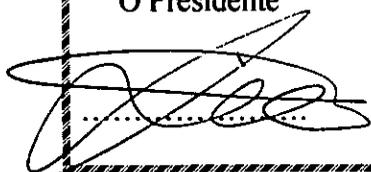
Supervisor: Prof. Doutor Manuel G. Mendes de Araújo

Co-supervisora: dr^a. Adelaide Liquidão

UEM - FLC.S.
R. E. 30.175
DATA 5 de Junho de 2004
AQUISIÇÃO a brta
COTA ST-91

Maputo, Junho de 2004

O Presidente	O Juri	O Supervisor	O Oponente	Data
--------------	--------	--------------	------------	------



21.6.04

Índice Geral

Dedicatória.....	ii
Declaração.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Lista de siglas e abreviaturas.....	vi
Índice de Tabelas, Gráficos e Mapas.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. Problemática.....	1
2. Objectivos.....	3
3. Metodologia.....	4
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO TEMA.....	6
Capítulo I	
APRESENTAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE MAPUTO.....	11
1. Localização Geográfica.....	11
2. Organização Administrativa.....	12
3. Evolução da Cidade.....	13
4. Importância Económica da Área de Estudo.....	13
Capítulo II	
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO.....	15
Capítulo III	
A DINÂMICA DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO.....	18
1. Evolução das Condições Sociais.....	19
2. Estrutura da População.....	21
3. O Crescimento Natural.....	24
4. A Migração.....	33
5. A Redefinição dos Limites Geográficos da Cidade.....	36
6. O Crescimento da População.....	38
7. As Consequências do Rápido Crescimento da População da Cidade.....	40
Capítulo IV	
CONCLUSÕES.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	46
Anexo 1. Principais Conceitos.....	50
Anexo 2. Tabelas da Mortalidade e Demonstração dos Cálculos.....	54
Anexo 3. Mortalidade por Causas da Morte da População Idosa, Cidade de Maputo, 1980-1999.....	57

DEDICATÓRIA

À memória inesquecível de meu pai José Chaúque, à minha mãe, à minha esposa e aos meus filhos.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta tese nunca foi apresentada na sua essência para a obtenção de qualquer grau acadêmico, constituindo, assim, o resultado da minha pesquisa pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível graças à contribuição multiforme de várias pessoas e instituições, a quem quero, desde já, expressar o meu reconhecimento e gratidão.

Especiais agradecimentos vão ao meu supervisor, Professor Doutor Manuel Araújo, à minha co-supervisora dra. Adelaide Liquidão, não somente pelos conhecimentos que me transmitiram como docentes mas sobretudo pela sábia e incansável orientação que me dispensaram para que este trabalho tivesse sucesso.

Os meus agradecimentos estendem-se também ao Departamento de Geografia e a todo o seu corpo docente que ao longo de toda a minha formação me transmitiu os seus conhecimentos.

Aos meus colegas de turma (com quem percorri toda esta longa caminhada), em particular ao Luís Chunguane (a quem devo quase toda a impressão dos meus trabalhos do curso), e ao Benefício Manjate, pelo apoio moral, vai o meu muito obrigado.

Finalmente, agradeço ao dr. Paulo Covele por me ter assistido na elaboração de mapas e ao senhor Magagula pela manutenção que deu ao meu computador em todo o período que durou este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de licenciatura em Geografia debruça-se sobre a problemática do crescimento da população da cidade de Maputo entre 1970 e 2000. O objectivo principal é entender essa dinâmica através da análise de fenómenos demográficos como a natalidade, mortalidade e migração. Este estudo baseou-se fundamentalmente na bibliografia e nos dados dos censos populacionais de 1970, 1980 e 1997.

Os indicadores analisados incluem: as taxas brutas de natalidade e de mortalidade; as taxas global e de fecundidade geral; as taxas específicas de fecundidade e de mortalidade; as taxas de mortalidade infantil, crescimento natural, imigração e de crescimento populacional.

Três momentos (Cap. III) constituem o suporte principal deste trabalho: 1) análise da estrutura da população e da evolução das condições sociais (habitação, abastecimento de água, serviço sanitário, nível académico), o que permitiu perceber melhor a dinâmica da população da urbe; 2) estudo de cada factor de crescimento da população da cidade isoladamente, o que permitiu observar a sua relevância no processo do crescimento demográfico; 3) análise do crescimento global da população, o que facilitou a identificação dos diferentes períodos de crescimento.

As principais conclusões deste trabalho são: a) a população da cidade de Maputo cresceu a ritmos acelerados nos últimos 30 anos; b) esse crescimento desenvolveu-se em dois períodos distintos: um (1970-1980), caracterizado pelo aumento acentuado da população, e outro (1980-2000), marcado pela desaceleração dos ritmos de crescimento; c) os dados disponíveis são insuficientes para fazer uma avaliação da contribuição da migração e da redefinição dos limites territoriais da urbe no crescimento demográfico; apesar disso, parece evidente que o crescimento natural foi o factor mais decisivo para o rápido crescimento populacional que se verificou nesse período. d) nas últimas duas décadas, verifica-se uma queda gradual dos níveis de fecundidade e de imigração, ou seja, há uma tendência para o abrandamento do crescimento populacional.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Siglas

- AIP/CCI – Associação Industrial Portuguesa e Câmara de Comércio e Indústria
CNP – Comissão Nacional do Plano, Direcção Nacional de Estatística
DINAGECA – Direcção Nacional de Geografia
FNUAP – Fundo das Nações Unidas para A População
MICOA – Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental
MINED – Ministério da Educação
MPF – Ministério do Plano e Finanças
INE – Instituto Nacional de Estatística
IUE – Instituto Ultramarino de Estatística

Abreviaturas

- AECM – Anuário Estatístico da Cidade de Maputo
H – homens
M – mulheres
H+M – total de homens e mulheres
TBN – taxa bruta de natalidade
TBM – taxa bruta de mortalidade
TFG – taxa de fecundidade geral
TGF – taxa de global de fecundidade
TMI – taxa de mortalidade na infantil
% – percentagem
‰ – permilagem
Nº – número
Km² – quilómetro quadrado
DU1 – Distrito Urbano Nº 1
DU2 – Distrito Urbano Nº 2
DU3 – Distrito Urbano Nº 3
DU4 – Distrito Urbano Nº 4
DU5 – Distrito Urbano Nº 5
RGHP – Recenseamento Geral de População e Habitação
p. – página

ÍNDICE DE TABELAS, GRÁFICOS E MAPAS

Tabelas	Página
Tabela 1. Distribuição da população, proporção de jovens, adultos e idosos e razão de sexo da cidade de Maputo, 1997.....	16
Tabela 2. Evolução percentual de agregados familiares segundo algumas condições sociais seleccionadas – cidade de Maputo, 1997.....	20
Tabela 3. Proporção de população e taxas de dependência demográfica da cidade de Maputo, 1970-2000.....	22
Tabela 4. Distribuição percentual da população por sexo e idade - cidade de Maputo, 1970-1997.....	23
Tabela 5. Distribuição da TBN, TGF e TFG, cidade de Maputo, 1970-1997.....	25
Tabela 6. Evolução das taxas de imigração, cidade de Maputo, 1975-1997.....	34
 Gráficos	
Gráfico 1. Distribuição da fecundidade específica, cidade de Maputo, 1970-1997.....	27
Gráfico 2. Mortalidade por sexo, cidade de Maputo, 1980 e 1997.....	30
Gráfico 2.1. Evolução da taxa de mortalidade infantil, cidade de Maputo, 1980 e 1997.....	30
Gráfico 2.2. Taxas de mortalidade por idades, cidade de Maputo, 1980 e 1997.....	31
Gráfico 3. Taxa de crescimento natural da cidade de Maputo, 1980-2000.....	32
Gráfico 4. População por sexo, cidade de Maputo, 1970-2000.....	35
Gráfico 5. Evolução da taxa de imigração por sexo, cidade de Maputo, 1975-1997.....	36
Gráfico 6. Evolução da população da cidade de Maputo, 1970-2000.....	38
 Mapas	
Mapa 1. Localização geográfica da cidade de Maputo.....	11
Mapa 2. Distribuição espacial da população da cidade de Maputo, 1997.....	17
 Figuras	
Figura 1. Os três aspectos contrastantes da cidade de Maputo.....	12
Figura 2. Vista parcial das habitações erguidas na área de reserva do Jardim Zoológico.....	41

INTRODUÇÃO

1. Problemática

Os graves problemas de gestão urbana que hoje tanto preocupam o mundo estão sobretudo ligados ao superpovoamento das cidades. Esses problemas remontam desde o século XIX com a eclosão da Revolução Industrial. Com o surgimento e desenvolvimento da indústria na Europa, e sua propagação pelo mundo — especialmente pelos países desenvolvidos — a população urbana ganhou uma nova dinâmica no seu crescimento. Por exemplo, Araújo (1997) refere-se a uma evolução muito rápida da população urbana mundial entre 1900 (menos de 10%) e 1990 (cerca de 50%).

Vários outros autores referem que o crescimento da população urbana nos países em desenvolvimento é recente e se processa a ritmos muito acelerados. O FNUAP (1999:25), por exemplo, indica que nesses países a proporção de pessoas vivendo em cidades passou de menos de 22% em 1960 para mais de 40% em 1999.

Em África, a população urbana africana cresceu exageradamente entre 1950 e 1990; passou de 32 milhões de pessoas para 217 milhões. Entre 1985 e 1990, este continente registou a taxa de crescimento urbano de 4,5%, que foi a mais elevada do mundo (Araújo, 1997).

Na África Subsaariana, o processo de urbanização¹ iniciou na década de 1950 e actualmente é um dos mais rápidos do mundo; a população cresce a um ritmo médio anual de aproximadamente 5% (Araújo, 1996; Dubresson, 1996:376; FNUAP, 1999).

Em Moçambique, até 1950 o nível de urbanização era inferior a um quinto do nível médio de África. De 1970 a 1997, a população urbana passou de cerca de 700 mil habitantes para aproximadamente 4,5 milhões. Isto significa que ela cresceu à taxa média anual de 7,1 %, o que justifica a afirmação de Araújo (2001) quando refere que o processo de urbanização do País é muito mais rápido do que o do mundo em geral e do que o de África em particular (Araújo, 2001).

Esse rápido crescimento demográfico que Moçambique vem experimentando desde então atingiu o seu pico entre 1975 e 2000. Na verdade, de uma população urbana de 691.444 habitantes em 1970 passou-se para 1.555.342 em 1980 e para 4.454.859 em 1997 (Assuate, 1994; INE, 1980; 1997), o que corresponde, respectivamente, a 7,4%², 12,8% e 29,4% da sua população total.

A proporção dos habitantes da cidade de Maputo na população urbana total de Moçambique representava 54,7% (em 1970), 47,5% (em 1980) e 21,7% (em 1997). Então, o crescimento populacional é relativamente muito mais rápido em outras áreas urbanas do que nesta urbe.

Maputo é a quarta maior cidade do País em termos de superfície (300 Km²); as três primeiras maiores cidades são Beira, com 610 Km², Matola e Nampula com 375 e 320 Km², respectivamente (Araújo & Raimundo, 1999). Entretanto, de acordo com

¹ Para este estudo, a urbanização deve ser entendida como o processo de concentração de populações nas aglomerações urbanas (Garrido & Costa, 1996).

² Percentagem calculada pelo autor com base nos dados dos censos de 1970, 1980 e 1997.

os dados do Censo de 1997 (IIRGPH/97), a população da Beira representa apenas 8,9% da população urbana do País, Matola, 9,5% e Nampula, 6,8%.

A população da cidade de Maputo representa 46% da população global destas quatro urbes e cerca de metade (49,4%) da população urbana da Região Sul (onde se encontra localizada).

A maioria dos actuais problemas da urbe (degradação de infra-estruturas, fraco saneamento, criminalidade, entre outros) é imputada ao "superpovoamento" da cidade, devido ao rápido crescimento da sua população. O conhecimento das causas desse rápido crescimento pode permitir a adopção de políticas apropriadas de forma a reduzir esse ritmo. Os ritmos de crescimento das diferentes variáveis demográficas permitem identificar as tendências do crescimento da população dando, assim, a possibilidade de prever as necessidades futuras em termos de infra-estruturas sociais e económicas da cidade. Além disso, a identificação dos reais problemas causados pelo rápido crescimento da população urbana pode ajudar a definir estratégias para a sua eliminação ou, pelo menos, redução. Este trabalho propõe-se a trazer alguns destes elementos.

Por estas razões, parece justificada a escolha do tema proposto.

2. Objectivos

A preocupação central deste trabalho é verificar o comportamento das diferentes componentes do crescimento da população urbana que influíram ou determinaram o crescimento demográfico da cidade de Maputo entre 1970 e 2000. Com esta pesquisa pretende-se, pois, analisar a dinâmica do crescimento da população desta urbe

tentando perceber os factores que estão na origem dessa mesma dinâmica de forma a ter elementos para perspectivar o crescimento futuro.

No sentido de alcançar este objectivo geral, procurar-se-ão os seguintes objectivos específicos:

- a) Analisar a dinâmica do crescimento da população da cidade de Maputo;
- b) Definir diferentes períodos de crescimento;
- c) Entender os factores desse crescimento e
- d) Identificar a tendência global desse crescimento.

Visando atender estes objectivos, o presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, faz-se a apresentação geral da área de estudo, buscando mostrar as suas características principais e a sua importância socio-económica. No segundo, apresenta-se a distribuição espacial da população da cidade de Maputo por distritos e bairros, tentando descobrir as causas dessa mesma distribuição. No terceiro capítulo, analisa-se o comportamento das diferentes variáveis que, directa ou indirectamente, determinam as componentes do crescimento da população urbana, procurando identificar os períodos de crescimento e a tendência demográfica. O quarto capítulo está reservado às conclusões.

3. Metodologia

Na investigação, partiu-se da consulta bibliográfica e de mapas e fotografias aéreas da cidade de Maputo para obter dados estatísticos e adquirir conhecimentos que serviram de base para a formulação do problema, enquadramento teórico do tema, análise e interpretação dos dados.

Com a ajuda de um computador, os dados colectados foram sintetizados em tabelas, gráficos e mapas. Esses dados incluem as condições sociais (tipo de habitação, água canalizada, serviço sanitário, ensino) e variáveis demográficas (taxa bruta de natalidade, taxa global de fecundidade, taxa de fecundidade geral, taxa bruta de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxas específicas de mortalidade, taxas de crescimento natural e de imigração, e taxa de crescimento populacional).

Na análise dos dados, foram aplicados três princípios fundamentais de análise demográfica: o «estado puro», a análise transversal e a estandardização (Nazareth, 1996). O primeiro princípio analisa separadamente os fenómenos, isto é, em estudos sem ter em consideração as possíveis interferências que possam existir entre eles. O segundo baseia-se na observação dos fenómenos demográficos num determinado período de tempo (geralmente um ano civil). A aplicação destes dois princípios ajudou a perceber melhor a dinâmica do crescimento da área do estudo e os factores que estão por detrás desse crescimento. O terceiro princípio permite separar o impacto na dinâmica populacional que é devido à estrutura do impacto que é devido ao modelo³ do fenómeno em análise. Existem vários métodos de estandardização, mas o mais utilizado é a estandardização directa, ou método da população-tipo. Este é o método que foi adoptado neste trabalho para comparar os níveis da mortalidade entre 1980 e 1997.

Para identificar os diferentes períodos de crescimento, analisou-se o comportamento da taxa de crescimento da população em vários momentos da evolução demográfica.

Através da linha de tendência do gráfico da evolução da população, identificou-se a tendência global do crescimento demográfico da cidade.

³ Entende-se por modelo do fenómeno a distribuição desse fenómeno por idades ou grupos de idades (Nazareth, 1996).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO TEMA

Diversos estudos têm sido feitos, em vários países, para compreender as causas e explicar a dinâmica e as consequências do aumento acentuado da população urbana no mundo, especialmente nos países em desenvolvimento; e as opiniões sobre a matéria são várias.

Santos (1981) e Araújo (1997) consideram que o aumento acentuado da população urbana mundial teve o seu início no século XIX mas, contrariamente, Kindersley (1998) indica que este fenómeno só eclodiu no século XX.

Nos últimos 40 anos, o movimento de pessoas para as cidades (especialmente nas regiões pouco desenvolvidas) intensificou-se, e a parte da população mundial que vive em áreas urbanas aumentou de um terço em 1960, para dois terços, em 2001 (FNUAP, 1999; 2001).

Araújo (1997:98-99), na sua reflexão sobre o assunto, afirma que "o crescimento da população dos lugares urbanos pode ser resultado de quatro processos, que podem actuar simultaneamente: crescimento natural positivo; migração rural-urbana dentro do país; migrações internacionais em direcção às áreas urbanas de determinado país; expansão territorial dos lugares urbanos através da redefinição dos seus limites ou da urbanização das áreas circundantes". Estes factores, de certa forma, também foram referidos por Rincón (1984) e por Tati (1993). Muanamoha (2000) acrescenta um outro factor de crescimento da população urbana: a formação de novas cidades.

Outros autores, tais como Caldwell (1975), Oucho & Gould (1996), Beaujeu-Garnier (1997), Araújo (2001) e outros, apenas destacam o crescimento natural da população

urbana e o êxodo rural como principais responsáveis pelo rápido crescimento da população urbana.

No entanto, a ênfase de todos estes factores, como referem Araújo (1997), Beaujeu-Garnier (1997) e Kindersley (1998), varia no espaço e no tempo conforme as especificidades de cada região ou país. E é por isso que Araújo (1997:101) refere que na Europa "a principal componente do crescimento da população urbana foi, durante um longo período, a migração campo-cidade", enquanto "em África e na América Latina o actual crescimento da população das cidades deve-se, fundamentalmente, ao crescimento natural (...)" e no continente asiático "mais de metade do crescimento urbano deve-se à migração campo-cidade e à reclassificação das cidades".

Estudos realizados por Dubresson (1996:382) revelam que o crescimento acelerado da população que vem se verificando nas cidades africanas nas últimas décadas "responde a uma dupla dinâmica espacial: aumento da população nas cidades existentes e multiplicação de localidades urbanas", um fenómeno que, aliás, também foi identificado por outros autores tais como Rincón (1984), Araújo (1997) e outros, ao estudar a dinâmica da população urbana de África.

De um modo geral, as diversas abordagens sobre o crescimento da população urbana africana, como o confirmam Tati (1993), Oucho & Gould (1996), Araújo (1997), Beaujeu-Garnier (1997), entre outros, destacam a supremacia do crescimento natural, sem contudo menosprezar a importância dos outros factores; mas Becker *et al* (1994:1) não partilha da mesma ideia e afirma que a população urbana em África "aumenta de forma assustadora" devido à migração campo-cidade.

Entretanto, Rincón (1984) e Dubresson (1996) apontam como principais factores do crescimento acelerado da população urbana africana o crescimento da população nas cidades existentes e o aumento de localidades urbanas.

Na África Subsaariana, como argumenta Dubresson (1996:381-382), o crescimento acelerado da população urbana "resulta da combinação clássica (...) entre um forte crescimento natural e um mercado migratório sustentado pelo campo".

O MPF (1996) indica três factores do crescimento da população urbana de Moçambique: i) os saldos migratórios (interno e internacional); ii) a reclassificação de áreas rurais em urbanas e a anexação de populações vizinhas; e iii) os saldos vegetativos da população urbana como tal, da população migrante e das populações anexadas ou agregadas por reclassificação.

Os factores tradicionais que regem os movimentos migratórios populacionais em direcção às cidades (procura do emprego e outras condições de vida), em combinação com os factores de ordem conjuntural, tais como a guerra civil e as calamidades naturais (sobretudo a seca) são os principais responsáveis pela elevada imigração rural-urbana que presentemente se assiste em Moçambique (Araújo & Raimundo, 1999). E esta, como referem Caldwell (1975), Oucho & Gould (1996), Beaujeu-Garnier (1997), Araújo (2001) e outros, é uma das fortes componentes do crescimento demográfico urbano.

Araújo (2001:81) realça a importância da estrutura por idade e sexo na evolução da população porque, conforme justifica, estes factores "determinam o seu crescimento natural, isto é, a fecundidade e a mortalidade estão directamente relacionadas com a idade e o sexo dos indivíduos".

Tal como em relação às causas, também se registam diferenças em relação às implicações do rápido crescimento demográfico urbano. Araújo (1997), por exemplo, afirma que nos países desenvolvidos em geral e nos da Europa em particular, o crescimento acelerado da população urbana teve como consequências a escassez de habitação adequada, o surgimento de bairros pobres, as deficiências no sistema de saneamento urbano e a deterioração das condições ambientais nas cidades; mas para Kindersley (1998), esse crescimento resultou na emergência de mais cidades e no desenvolvimento de outras tais como Tóquio e Cidade do México.

Estas situações são também confirmadas pelo FNUAP (1999:25) quando assinala que "O crescimento da população urbana ultrapassou o desenvolvimento do emprego, da habitação, dos serviços e do resto da infra-estrutura social e física" e que o número de megacidades aumentou de duas (Nova Iorque e Tóquio), em 1960, para 17, em 1999.

Segundo Zelinsky (1980), o crescimento global da população, em especial as acentuadas taxas de crescimento natural urbano, causa um crescimento urbano rápido nos países em desenvolvimento.

Derruau (1977) indica que uma das consequências do êxodo rural é a elevada natalidade nas cidades habitadas por jovens, mesmo nos casos de fecundidade baixa; e Becker *et al* (1994:87-89) acrescenta, em relação às cidades africanas, o agravamento dos encargos "com os serviços públicos, a poluição, o congestionamento e outros crimes".

Santos (1981) e Araújo (1997) referem que a urbanização nos países subdesenvolvidos se fez, fundamentalmente, à custa do êxodo rural que, em

combinação com uma demografia dinâmica, gerou um rápido crescimento da população urbana.

Estes autores indicam, ainda, que as cidades dos países subdesenvolvidos geralmente não são capazes de produzir bens, serviços e empregos ao mesmo ritmo de crescimento da sua população.

Para Santos (1981), esta população, apesar do seu fraco poder de compra, tem propensão a consumir de igual modo que os ricos, o que origina o surgimento de dois circuitos económicos: a) sector industrial moderno, que produz bens de alta qualidade, normalmente consumidos pelos ricos, e b) sector tradicional de pequenas indústrias, artesanato e comércio, que produz bens de qualidade relativamente inferior (e por isso mais baratos) que se destinam à camada pobre da população. Estes dois sectores, segundo acrescenta, geralmente não seguem os mesmos circuitos de comercialização, um fenómeno que também foi identificado por Araújo (1997:146) quando, relativamente a África, afirma que "o sector informal é o único que mantém uma dinâmica geradora de rendimentos e de trabalho, mas desenvolve-se, a maior parte das vezes, à margem dos sistemas oficiais".

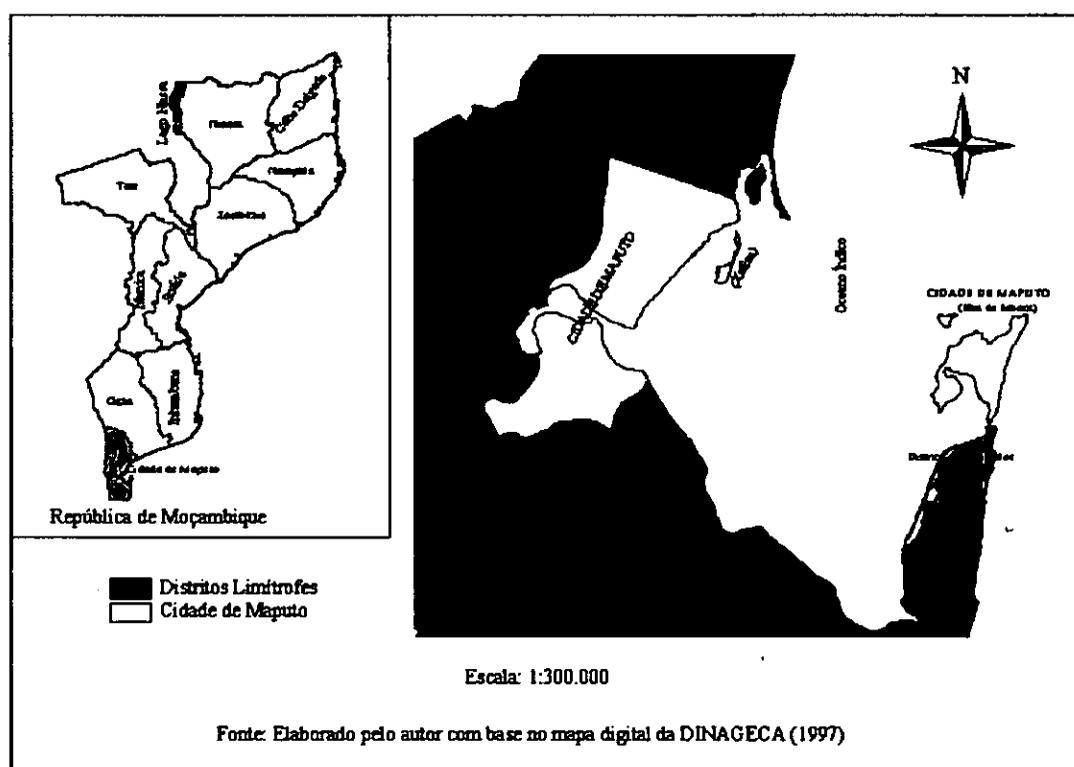
Em Moçambique, vive-se, diariamente, um crescimento incontrolável das cidades vendo-se "surgir novos conjuntos de construções precárias dum dia para o outro em locais sem mínimas condições, assistindo o aparecimento de machambas (terrenos cultivados) entre os edificios de cimento, nas barreiras e junto às praias (...)", observam Araújo & Raimundo (1999:5). Além disso, Araújo (1997) refere que o longo conflito armado entre a RENAMO e o Governo do país, terminado há 10 anos, forçou várias famílias rurais a procurar refúgio nas cidades o que, naturalmente, modificou a estrutura sexual dos imigrantes.

Capítulo I

APRESENTAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE MAPUTO

1. Localização Geográfica

A área de estudo, outrora denominada Lourenço Marques (hoje Maputo), localiza-se na costa Sudeste de África no extremo Sul do país, entre as latitudes 25° 40' e 26° 30' Sul e entre as longitudes 32° 35' e 33° 10' Este (Araújo & Raimundo, 1999; MICOA, 1997; Muchangos, 1994). A Norte é limitada pelo distrito de Marracuene, a Sul pelo distrito de Matutuine, a Oeste pela cidade da Matola e pelo distrito de Boane, e a Este pelo Oceano Índico (vide Mapa 1).



Mapa 1. Localização Geográfica da Cidade de Maputo

De acordo com os dados do censo de 1997, a cidade de Maputo possui uma população de 966.837 habitantes, que se distribuem por uma superfície de 300 Km²

(Araújo & Raimundo, 1999). Esta é a única cidade do País de nível "A" e caracteriza-se por deter todo o poder político, administrativo e económico.

2. Organização Administrativa

A cidade de Maputo tem o estatuto de Província. Ela está administrativamente organizada em cinco distritos urbanos (que englobam 53 bairros), um posto administrativo (Catembe) e uma localidade (Inhaca). Apresenta três espaços contrastantes: 1) área urbana (Fig. 1, Foto 1) — caracterizada "por bairros organizados numa planta ortogonal nítida, de avenidas e ruas amplas, com edifícios de diversos pisos (...), bairros de vivendas, comércio especializado, diversos e variados serviços e infra-estruturas sociais e de abastecimento e saneamento"; 2) área suburbana (Fig. 1, Foto 2) — "com uma ocupação muito elevada, sem áreas verdes e poucas de lazer; as residências como que se acumulam, sem obedecer a um plano"; e 3) área periurbana (Fig.1, Foto 3) — que se distingue da suburbana pela sua baixa densidade de ocupação residencial e pela presença da actividade agrícola (Araújo, 1999:176-179).



3. Evolução da Cidade

A área de estudo teve o seu primeiro registo cartográfico cerca do ano 1502, "numa das viagens de navegação portuguesa", após a descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498. Até 1782, era fortaleza e ponto de apoio à navegação. Nesse mesmo ano, estabeleceu-se um governo local. A administração eclesiástica da então província de Moçambique até 1783 tinha como sede a Ilha de Moçambique. Mais tarde, a sede passou para Lourenço Marques. Em 1841, este povoado possuía apenas "19 casas térreas cobertas de palha e 127 palhotas. Foi elevado à categoria de vila em 1876. Em 1898, tornou-se a capital da então Província de Moçambique — hoje República de Moçambique (Azevedo, 1970:271; MICOA, 1997).

4. A Importância Económica da Área de Estudo³

É na cidade de Maputo onde se localiza o maior e o mais importante corredor do desenvolvimento do País — o Corredor de Maputo — constituído: a) pelo porto de Maputo, com capacidade de manuseamento de 14 milhões de toneladas/ano e instalações especializadas para o manuseamento de diversos tipos de produtos; b) por três redes ferroviárias que ligam o porto ao Zimbabwe (linha do Limpopo, com 534 quilómetros de extensão), à África do Sul (linha de Ressano Garcia, com 75 quilómetros) e ao Reino da Suazilândia (linha de Goba, com 64 quilómetros); c) por duas linhas rodoviárias principais, ligando Maputo à África do Sul (via Ressano Garcia) e à Suazilândia (via Namaacha).

Maputo dispõe, também, do mais importante aeroporto nacional, através do qual se realizam voos intercontinentais e regionais e se estabelecem, diariamente, ligações

³ Fonte: AIP/CCI, p.27 e 29.

aéreas com a maior parte das províncias do País e com o Mundo. Em 2000, este aeroporto realizou 60% do tráfego do País (INE, 2000:51).

Além disso, desta urbe partem diariamente diversos transportes rodoviários para os diferentes pontos do País através da Estrada Nacional N.º 1.

É também nesta cidade onde se localiza a maior e melhor rede nacional de telecomunicações, banca e outros serviços comerciais. Em 2000, por exemplo, 65,6% da facturação nacional de energia eléctrica pertenceram a esta urbe. Além disso, Maputo participou no comércio com 27,8% das importações e 10% das exportações do País.

Capítulo II

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO

Como tem sido referido por vários autores, geralmente a população não se distribui uniformemente pelas diferentes áreas geográficas; a cidade de Maputo não constitui nenhuma excepção. Os factores gerais dessa distribuição diferenciada da população não serão aqui tratados pois, sendo a área de estudo muito pequena e ademais urbana, o seu estudo não seria muito relevante. Entretanto, outros factores poderão ser considerados, se for necessário.

A cidade de Maputo, com cerca de 3.223 habitantes por Km², é a área mais densamente povoada de Moçambique.

A Tabela 1 mostra a distribuição da população, razão de sexo e proporção de jovens, adultos e idosos da cidade de Maputo por distritos urbanos (DU). Os dados revelam que a população, especialmente os jovens, aumenta gradualmente do DU1 para o DU5, isto é, do centro para a periferia da cidade. A razão de sexo⁴ comporta-se de maneira inversa, o que significa que há mais homens nos distritos 1 e 2 do que

noutros mais periféricos. Note-se que os distritos 1 e 2 são fundamentalmente de serviços e os

Distritos	População	Razão do Sexo	PROPORÇÃO (%)			
			Jovens	Adultos	Idosos	Total
DU1	154,284	101	47.7	50.4	1.9	100.0
DU2	162,750	97	53.6	44.1	2.3	100.0
DU3	210,551	96	55.9	42.4	1.7	100.0
DU4	228,244	94	56.3	42.0	1.7	100.0
DU5	211,008	94	56.2	42.1	1.7	100.0
Total	966,837					

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do INE (1998)

outros são mais residenciais. Analisando a proporção dos idosos, verifica-se que esta

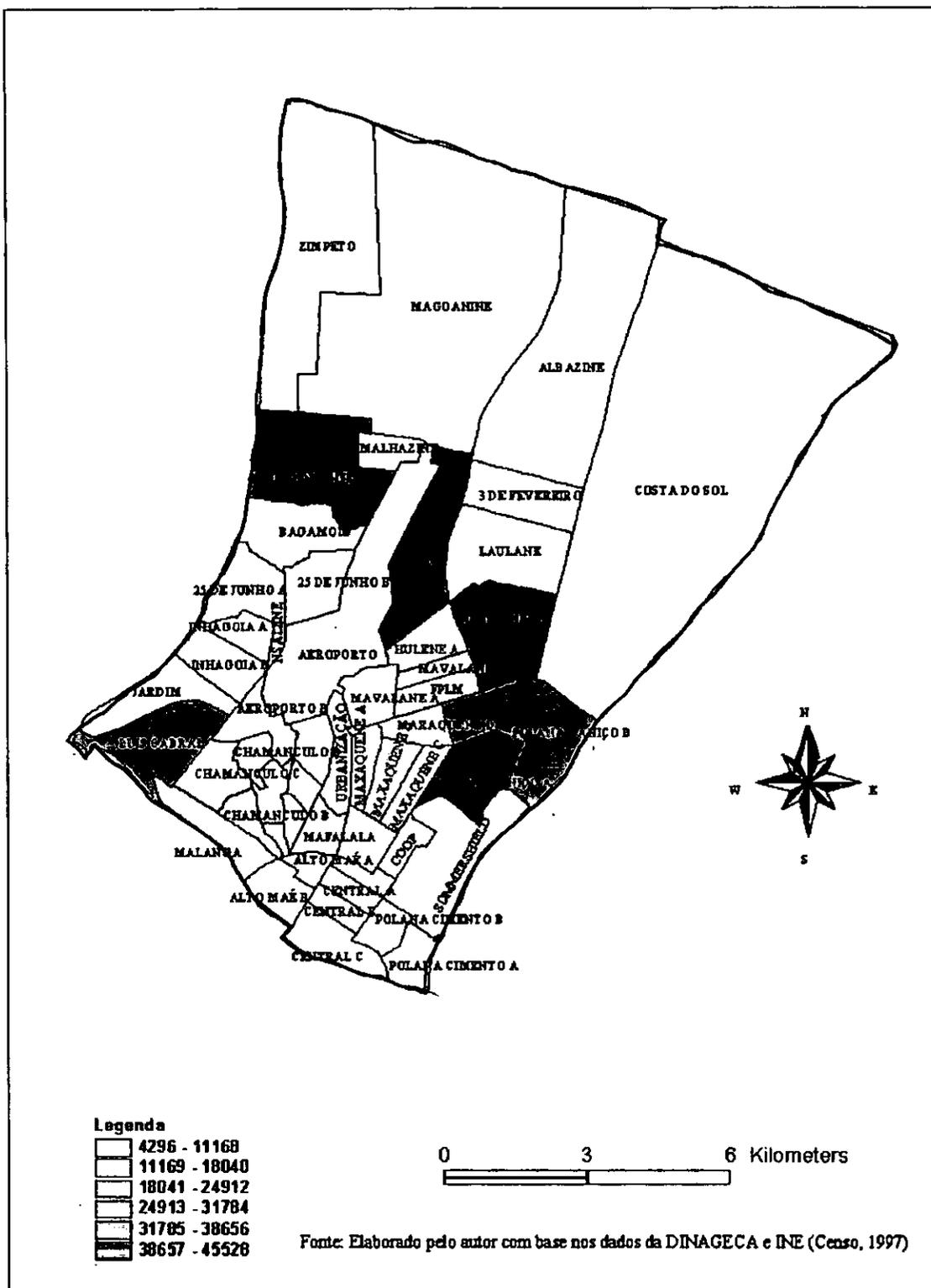
⁴ Max DERRUAU (1991) define a razão de sexo como o número de indivíduos do sexo masculino por cada 100 do sexo feminino.

é maior nos distritos 1 e 2 do que nos restantes, o que quer dizer que existe uma diferença relativa na esperança de vida entre os distritos que se deve, provavelmente, a desigualdades nas condições de vida, sobretudo em relação à habitação, água canalizada e serviço sanitário, factores geralmente associados à saúde das pessoas. O maior aglomerado populacional é o Distrito Nº 4, com 23,6% da população total da urbe. O distrito menos povoado é o Nº 1, com cerca de 16,1%.

No Mapa 2, está representada a distribuição da população da cidade de Maputo por bairros. Analisando essa distribuição, verifica-se que os bairros mais populosos são: Polana Caniço "A" (DU3), Ferroviário e Hulene "B" (DU4) e George Dimitrov (DU5). Em conjunto, estes bairros albergam 17,1% da população total da urbe. Os bairros menos povoados (com menos de 11.200 habitantes cada) são dez: Polana Cimento "A", Central "C", Alto Maé "A", Chamanculo "B", Nsalene, Malhangalene "A", COOP, FPLM, Minkadjuine e Albazine; metade destes bairros localiza-se no DU1. Como se pode ver, estes dados são consistentes com a distribuição da população por distritos representada na Tabela 1.

No seu respectivo distrito, o bairro da Polana Caniço "A" abriga 21,6%, Ferroviário e Hulene "B" (ambos), cerca de 35,1% e George Dimitrov, 18,8%.

Infelizmente, o Posto Administrativo da Catembe e a localidade de Inhaca ficaram excluídos do mapa porque não estão integrados como partes da cidade de Maputo na base digital da DINAGECA (1997).



Mapa 2. Distribuição da População da Cidade de Maputo por Bairros, 1997

Capítulo III

A DINÂMICA DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

Em análise demográfica, considera-se que uma população está a crescer quando varia de tamanho ao longo do tempo, ou seja, quando ela aumenta ou diminui (INE, 1998).

Geralmente, uma população urbana cresce em função de duas componentes principais (crescimento natural e saldo migratório), que podem actuar isoladamente ou em combinação. No caso particular dos países do Terceiro Mundo, a população pode também crescer devido à reclassificação de áreas rurais em urbanas (Araújo, 1997; Beaujeu-Garnier, 1997; Muanamoha, 2000; e outros).

Neste trabalho, estes factores são analisados, isolada e conjugadamente, tendo em conta as componentes do estado da população: tamanho, estrutura e distribuição espaço-temporal da população da cidade de Maputo.

O conhecimento do tipo de estrutura e das tendências do crescimento populacional dum país ou cidade é muito importante para qualquer Estado ou governo porque permite prever o tipo de necessidades futuras da população.

Devido à falta de dados desagregados depois da redefinição dos limites territoriais da cidade em 1986, a maioria da informação de 1980 inclui áreas actualmente não pertencentes à cidade de Maputo. Além disso, a ausência de dados entre 1980 e 1992 afectou a análise da migração.

1. A Evolução das Condições Sociais da População

A dinâmica demográfica de uma determinada área urbana está ligada, de uma forma ou doutra, às condições sociais que esta oferece aos seus habitantes. Sobre este aspecto, Beaujeu-Garnier (1997:289-290) refere-se a dois tipos de condições sociais que podem interferir no comportamento reprodutivo das famílias, isto é, na definição do tamanho do agregado familiar pelos casais: condições materiais e condições psicológicas. O primeiro tipo engloba a habitação, o espaço para as crianças brincarem, os encargos com a vigilância, vestuário e transporte da criança, etc. O segundo tipo inclui o grau de instrução, o desejo da melhoria do nível de vida com recurso a todas as facilidades que a cidade oferece e a possibilidade de obter informações. Segundo o mesmo autor, estes elementos permitem que o urbano utilize todos os métodos anticonceptivos e limite o número de filhos consoante o seu desejo.

Entretanto, para além destes elementos que podem influenciar a fecundidade/natalidade, existem outros que podem interferir na outra variável (mortalidade) e, deste modo, também influenciar a dinâmica populacional: é o caso da água e do serviço sanitário.

O presente tópico tem por objectivo mostrar a evolução das condições sociais nos últimos vinte anos de forma a compreender melhor a dinâmica do crescimento populacional da área do estudo. Assim, foram escolhidos os elementos seguintes: habitação (casa de blocos), água canalizada, serviço sanitário (retrete ou latrina) e o grau de instrução (Ensino Primário).

A análise das condições sociais devia partir de 1970 mas, devido à falta de dados, o estudo incide apenas sobre o período de 1980-2000.

A Tabela 2 mostra a evolução percentual de agregados familiares da cidade de Maputo segundo algumas condições sociais seleccionadas. De 1980

DESCRIÇÃO	1980	1997	2000
Casa de blocos ou tijolos	47.8	64.6	79.0
Água canalizada	81.8	76.1	91.7
Serviço sanitário	93.4	96.0	99.0
Ensino Primário	28.0	19.0	28.6

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do INE, 1980, 1997, 2000 e (2001/1).

NB.: O nível de escolaridade para 1980 foi afectado pela introdução do Novo Sistema de Educação, que elevou a escolaridade obrigatória de 5ª para 7ª Classe.

para 2000 houve uma melhoria da situação habitacional na urbe; os agregados familiares vivendo em casas de blocos ou tijolos aumentaram em 31,2% nesse período. Contudo, esse crescimento parece ser mais resultado da iniciativa individual das famílias de construir ou reabilitar suas casas aplicando blocos ou tijolos do que da possibilidade de mudar-se para uma casa melhor; a cidade enfrenta ainda hoje uma grande falta de casas para habitação, especialmente para a camada mais desfavorecida.

Tomando 1980 como ano base, os dados da tabela acima revelam uma queda da proporção de agregados familiares com acesso à água canalizada em cerca de 6% para 1997 e um crescimento de aproximadamente 10% para 2000; as razões para esse declínio da proporção em 1997 não estão claras.

Em 1997, apenas 22% de agregados familiares é que tinham água canalizada dentro de casa, os restantes tinham-na dentro do quintal ou iam buscá-la na casa do vizinho ou no fontenário público mais próximo, o que revela a fraca densidade da rede de distribuição.

A Tabela 2 também sugere uma cobertura quase total do serviço sanitário desde 1980. Observe-se, no entanto, que a qualidade desse serviço continua ainda baixa. Por exemplo, de acordo com os dados do INE (2000:35) cerca de 60% dos agregados familiares ainda utilizam latrina; e destes, pelo menos 40% não têm latrina melhorada.

A maioria da população da cidade de Maputo tem como nível académico concluído mais elevado o Ensino Primário, ou seja, os níveis educacionais na urbe ainda são muito baixos (INE (1998). Analisando esse nível de ensino (Tab. 2), constata-se que a percentagem de população com o nível primário de ensino concluído teve poucos progressos nos últimos 20 anos; aumentou em apenas 0,6%. Note-se, porém, que a par da incapacidade do sistema de educação de absorver todas as crianças em idade escolar para esse nível, a introdução do Novo Sistema de Educação⁶ em 1983 pode, também, ter contribuído para esse baixo crescimento, em geral, e para a baixa percentagem que se verifica em 1997, em particular. A análise da situação por sexos permite verificar que a percentagem de mulheres com o nível primário de ensino concluído é relativamente menor do que a dos homens; e este desequilíbrio acentua-se com o aumento do nível de ensino e da idade (INE, 1980 e 2000).

2. A Estrutura da População

Em Análise Demográfica, entende-se por estrutura de uma população a distribuição desta segundo determinadas características: idade, sexo, estado civil, nível de instrução, etc. (Nazareth, 1996).

⁶ De acordo com o MINED (1994), o Novo Sistema de Educação, introduzido em 1983, elevou o nível primário de ensino de 5ª para 7ª Classe. Assim, este processo, concluído em 1987, fez com que nesse ano não houvesse novos ingressos para a 7ª Classe.

Este tópico analisa essa distribuição por idades (estrutura etária) e por sexos (estrutura sexual). A opção por estas duas estruturas deve-se ao facto de elas exercerem uma enorme influência sobre os elementos que intervêm na dinâmica do crescimento demográfico (natalidade e mortalidade), principal objecto deste trabalho.

De acordo com a Tabela 3, a população da cidade de Maputo é essencialmente jovem, isto é, mais de

metade tem menos de 20 anos de idade. Os idosos (60 e mais anos de idade) representam apenas cerca de 4% da população total da urbe.

Período	PROPORÇÃO			TAXAS (%)		
	0-19	20-59	60+	Total	Jovens	Idosos
1970	50.7	45.8	3.5	72.5	68.7	3.9
1980	55.5	41.3	3.2	84.9	81.3	3.6
1997	54.3	42.6	3.1	73.4	70.2	3.2
2000	51.3	45.6	3.1	68.3	65.0	3.2

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados dos censos de 1970, 1980 e 1997; Anuário Estatístico 2000.

Da população jovem, pelo menos 74% tem idade inferior a 15 anos, o que justifica os elevados níveis de dependência demográfica⁶ que se observam na cidade. Felizmente, esses níveis de dependência têm vindo a baixar gradualmente desde 1980.

Os maiores níveis de dependência verificaram-se entre 1980 e 1997, o que é consistente com o elevado índice de população jovem nesse período (Tab. 3). As razões para essa presença massiva dos jovens podem estar relacionadas com os elevados níveis de fecundidade e com a forte imigração de pessoas em idade jovem registadas nesse espaço de tempo.

⁶ Recorde-se que a taxa de dependência demográfica é uma medida utilizada em Análise Demográfica para avaliar os encargos potenciais que recaem sobre a população activa. Esta taxa pode ser calculada para o conjunto da população não activa (total), ou para jovens e idosos; calcula-se pela fórmula: $[(P_{0-14} + P_{65}) / P_{15-64}] * 100$ (no caso de taxa total), $(P_{0-14} / P_{15-64}) * 100$ (para jovens) e $(P_{65} / P_{15-64}) * 100$ (para idosos), onde o numerador expressa a população total, jovem ou idosa, respectivamente; e o denominador, a população potencialmente activa (Nazareth, 1996:3).

Esses índices altos de dependência demográfica na cidade representam um elevado encargo para a sociedade que deve procurar ampliar a sua rede de infra-estruturas socio-económicas, especialmente de saúde e educação, de forma a corresponderem às necessidades dessa numerosa população.

Pelos dados da Tabela 4, percebe-se que em 1980 a população da cidade de Maputo era mais jovem do que em qualquer outro período dos 30 anos em análise, o que é coerente com os elevados índices de fecundidade que se observaram nesse ano.

IDADE	1970			1980			1997			2000		
	H	M	H+M									
0-4	50.2	49.8	100.0	49.6	50.4	100.0	50.0	50.0	100.0	50.8	49.2	100.0
5-9	49.8	50.2	100.0	48.7	51.3	100.0	49.4	50.6	100.0	50.1	49.9	100.0
10-14	52.0	48.0	100.0	49.2	50.8	100.0	48.9	51.1	100.0	49.5	50.5	100.0
15-19	57.7	42.3	100.0	55.0	45.0	100.0	49.3	50.7	100.0	51.0	49.0	100.0
20-24	50.7	49.3	100.0	55.5	44.5	100.0	47.2	52.8	100.0	48.3	51.7	100.0
25-29	50.3	49.7	100.0	54.1	45.9	100.0	46.5	53.5	100.0	42.1	57.9	100.0
30-34	53.9	46.1	100.0	51.8	48.2	100.0	46.9	53.1	100.0	45.0	55.0	100.0
35-39	51.9	48.1	100.0	54.7	45.3	100.0	50.4	49.6	100.0	49.2	50.8	100.0
40-44	53.9	46.1	100.0	54.1	45.9	100.0	52.8	47.2	100.0	50.9	49.1	100.0
45-49	53.4	46.6	100.0	57.4	42.6	100.0	51.1	51.1	102.2	52.2	47.8	100.0
50-54	51.6	48.4	100.0	52.1	47.9	100.0	52.1	47.9	100.0	49.6	50.4	100.0
55-59	51.2	48.8	100.0	52.9	47.1	100.0	52.7	47.3	100.0	51.6	48.4	100.0
60-64	51.8	48.2	100.0	45.8	54.2	100.0	49.9	50.1	100.0	49.3	50.7	100.0
65+	41.4	58.6	100.0	42.0	58.0	100.0	41.0	59.0	100.0	43.3	56.7	100.0
TOTAL	51.8	48.2	100.0	51.8	48.2	100.0	49.0	51.0	100.0	48.9	51.1	100.0

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do Anuário Estatístico da cidade de Maputo 2000 e dos censos de 1970, 1980 e 1997.

A análise da população por pequenos grupos etários revela a existência de muitas variações na estrutura sexual (Tab. 4). Por exemplo, em 1970, exceptuando-se as faixas etárias dos 0-9 anos e dos 25-29 anos — em que se registou um relativo equilíbrio entre os sexos — a proporção de mulheres foi sempre inferior nos restantes grupos etários; em 1980, apenas houve equilíbrio nos 0-4 anos, e a estrutura sexual continuou sendo dominada pela população masculina; já em 1997 o equilíbrio entre

os sexos registou-se nos grupos dos 0-4, 35-39 e 60-64 anos. A partir deste ano, a população passa a ser predominantemente feminina. Em 2000 só houve equilíbrio nas classes etárias dos 5-9 e dos 50-54 anos.

Uma análise global da Tabela 4 permite verificar que até 1980 a população da cidade de Maputo era maioritariamente masculina, o que parece confirmar estudos feitos por vários autores, segundo os quais o homem africano tradicionalmente emigra sozinho para a cidade deixando a mulher e os filhos no campo. Este cenário começa a inverter-se na década de 1980-1990 devido, provavelmente, ao incremento da imigração feminina; infelizmente a falta de dados não permitiu identificar as causas desse fenómeno, mas pensa-se que as calamidades naturais e a intensificação da guerra civil no campo podem ter sido os principais responsáveis pelo êxodo rural feminino. Finalmente, a existência de mais mulheres do que homens na faixa dos 60 e mais anos de idade, em todo o período em análise (1970-2000), pode ser sinal da sobremortalidade masculina, pois este grupo populacional raramente emigra.

3. O Crescimento Natural

O crescimento natural é uma das principais componentes do crescimento demográfico (Tati, 1993; Araújo, 1997; Beaujeu-Garnier, 1997; e outros) e resulta da diferença entre a natalidade e a mortalidade. Consoante essa diferença é maior, igual ou inferior a zero, o crescimento diz-se positivo, nulo ou negativo.

Sublinhe-se que por causa da falta de dados sobre a mortalidade para 1970, o crescimento natural será apenas analisado para o período de 1980-1997.

3.1. Natalidade e fecundidade

A natalidade e a fecundidade são dois conceitos que aparentemente exprimem uma mesma ideia mas, na realidade, existe uma diferença entre eles. A natalidade é o número total de nados-vivos ocorridos numa população num determinado período de tempo, enquanto a fecundidade mede a frequência dos nascimentos que ocorrem nas mulheres em idade de procriar (Carvalho, 2000).

Os níveis de fecundidade de uma população são dados pela dimensão dos diferentes indicadores de fecundidade, mas nenhum deles pode, isoladamente, exprimir uma ideia completa sobre a fecundidade; é o seu conjunto que pode caracterizar esse fenómeno de forma adequada. Os indicadores de fecundidade mais importantes são: taxa bruta de natalidade, taxa global de fecundidade, taxa de fecundidade geral, taxa bruta de reprodução e taxa líquida de reprodução (Carvalho, 2000). Para este trabalho, seleccionou-se os três primeiros indicadores.

A Tabela 5 mostra a distribuição de três indicadores da fecundidade na cidade de Maputo para o período de 1970 a 1997. O primeiro indicador é a taxa bruta de natalidade (TBN).

	1970	1980	1997
TBN	30.1	49.1	36.1
TGF	3.9	6.3	4.3
TFG	126.5	203	134

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do do censo de 1970, CNP (1993:4) e INE (1998:6).

Segundo Carvalho (2000), esta taxa define-se como a razão entre o número de nascimentos ocorridos num dado ano e a população média nesse ano. A taxa bruta de natalidade é influenciada por mudanças na estrutura etária da população e sexo, pelo que deve ter-se em conta este facto quando se compara o nível de natalidade de populações diferentes. Diferentemente da mortalidade, em que qualquer pessoa está exposta ao risco de morrer, na natalidade apenas as mulheres em idade reprodutiva é

que estão sujeitas ao risco de procriar. Assim, o estudo da fecundidade deve ser centrado nas mulheres em idade fértil (convencionalmente, essas mulheres situam-se na faixa etária dos 15 aos 49 anos). A taxa bruta de natalidade é uma medida fundamental, pois em conjugação com a taxa bruta de mortalidade determina a taxa de crescimento natural da população.

O segundo indicador apresentado pela Tabela 5 é a taxa global de fecundidade (TGF). Ainda de acordo com Carvalho (2000), a TGF é uma medida sintética da população num determinado ano. Ela representa o número médio de filhos nascidos por mulher, numa coorte fictícia de mulheres sobreviventes até ao final da idade reprodutiva e que em cada idade tenham sido sujeitas às taxas específicas de fecundidade de uma população num dado ano, até ao final da sua idade reprodutiva. Ela corresponde, portanto, à soma de todas as taxas específicas de fecundidade por idade dessa população nesse ano.

O último indicador que se pode ver na tabela acima indicada é a taxa de fecundidade geral (TFG). Esta taxa representa a razão entre o número de nascimentos num ano e a população média de mulheres em idade reprodutiva, geralmente considerada entre os 15 e os 49 anos. Tal como a taxa bruta de natalidade, esta taxa é influenciada pela distribuição etária de mulheres em idade reprodutiva, mas é independente do sexo e das idades mais jovens e mais velhas (Carvalho, 2000).

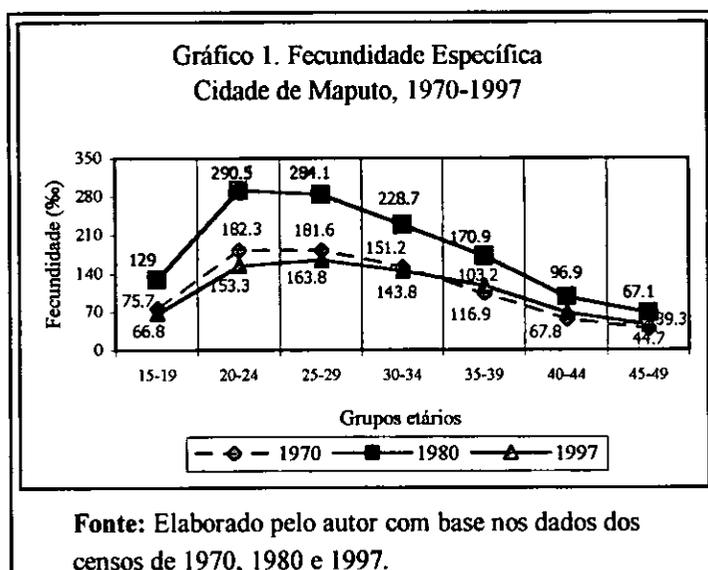
Analisando esta tabela (Tab.5), verifica-se que o nível de fecundidade na cidade de Maputo é elevado e nos últimos 27 anos mostrou uma ligeira tendência para o aumento; por exemplo, a TGF em 1980 situou-se acima do nível dos países menos

desenvolvidos ($TGF=5,3^7$) e, em 1997, embora tenha descido esteve próximo deste valor.

Contudo, não é de estranhar esse nível alto da fecundidade na cidade, pois, como já se referiu anteriormente, a estrutura populacional da urbe é bastante jovem e, além disso, na década de 1980-1990 a cidade recebeu muita população camponesa fugida da guerra e das calamidades naturais (sobretudo a seca prolongada). Essa população, como se sabe, geralmente está pouco informada sobre os métodos modernos anticoncepcionais e, normalmente, tem um comportamento reprodutivo natalista⁸. Talvez, até, seja por isso que os níveis de fecundidade da urbe em 1980 sejam tão elevados (Tab. 5) que se situam próximo da média geral do país (47‰ para a TBN e 6,8 filhos por mulher em idade reprodutiva⁹).

As variações da fecundidade específica da população urbana não ocorreram apenas ao nível global ao longo do tempo; também se registaram ao nível da estrutura etária.

O Gráfico 1 ilustra essas variações para o período de 1980 a 1997 na cidade de Maputo. Como se pode ver, os níveis de fecundidade mais elevados em todos os anos situam-se entre os 19 e os 30 anos; os mais baixos localizam-se nos grupos extremos (15-19 e 45-49 anos).



⁷ PNUD Apud INE (2000:13).

⁸ Por comportamento natalista, pretende-se referir ao desejo dos casais de ter muitos filhos.

⁹ INE (1998:6). Inquérito Demográfico e de Saúde.

Comparando 1970 a 1980, verifica-se um grande aumento da fecundidade em todos os grupos etários; esta variou entre os 27‰ e os 109‰. O êxodo rural, aliado ao baixo nível de escolaridade (sobretudo da população feminina), e a redução de encargos através do acesso gratuito à saúde e ao ensino podem ter estimulado a fecundidade na cidade nos primeiros anos de independência (1975 a 1980).

De 1980 para 1997, a fecundidade sofreu um acentuado declínio em todas as idades, tendo nalguns casos descido para níveis inferiores aos de 1970; isso aconteceu, por exemplo, nas faixas etárias dos 15 aos 34 anos. As causas dessa elevada queda dos níveis de fecundidade podem ser: a) a eventual maior aderência da população feminina aos programas de planeamento familiar; b) o melhoramento do nível académico da mulher; c) o retorno ao campo (ou sua fixação em outras áreas) de parte da população imigrada (especialmente de mulheres em idade reprodutiva) após o término do conflito armado em 1992; d) a redução da mortalidade infantil; e e) a deterioração do poder de compra das famílias urbanas.

Entretanto, uma análise global do gráfico em alusão permite verificar que o aumento da fecundidade foi mais acentuado do que o declínio, isto é, no cômputo geral, a fecundidade aumentou nas últimas três décadas.

3.2. Mortalidade

A mortalidade é o desaparecimento definitivo de toda a evidência de vida em qualquer momento depois do nascimento, sem hipótese de ressuscitação, refere Muanamoha (1999).

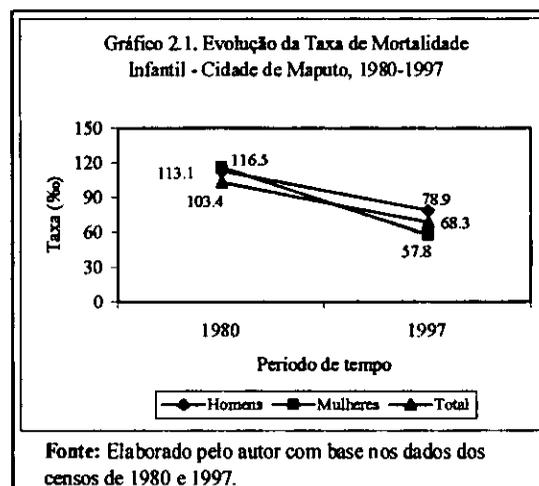
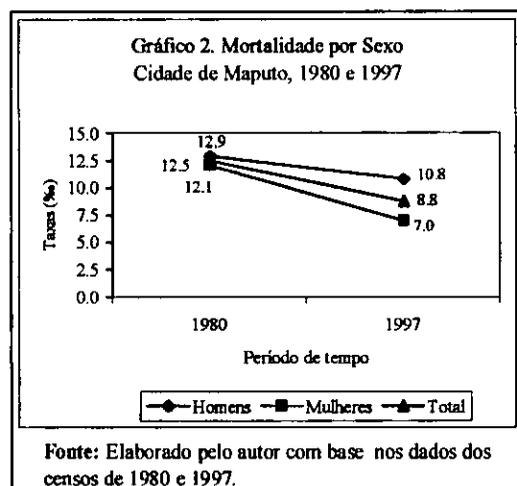
Trata-se, sem dúvida, de um fenómeno muito importante em análise demográfica porque, como referem vários autores, em associação com a natalidade e a migração

determina o crescimento de uma população. Além disso, o nível de mortalidade é um bom indicador das condições médico-sanitárias em que vivem as pessoas de uma dada área geográfica.

A análise da mortalidade pode ser feita a diversos níveis: global, por grupos de idades, por sexo, por estado civil, etc., correspondendo a cada nível um determinado indicador, consoante os objectivos que se pretende alcançar. Assim, podem ser calculados os indicadores seguintes: taxa de mortalidade por sexo, taxa de mortalidade infantil, taxa específica de mortalidade, taxa bruta de mortalidade, taxa de mortalidade por nível de instrução ou por grupos sociais, esperança de vida, entre outros (Nazareth, 1996). Para este tópico foram seleccionados os quatro primeiros indicadores, por serem aqueles que mais se ajustam aos objectivos do presente trabalho.

A taxa bruta de mortalidade relaciona o número de óbitos num determinado período de tempo (geralmente um ano) e a população média nesse espaço de tempo. Trata-se de um indicador demográfico de extrema importância porque, conjuntamente com a taxa bruta de natalidade, determina o crescimento natural de uma população. Entretanto, esta taxa apresenta uma desvantagem: é influenciada por mudanças na estrutura da população. Assim, para comparar o nível de mortalidade de duas populações torna-se necessário ter sempre em consideração este facto (Carvalho, 2000).

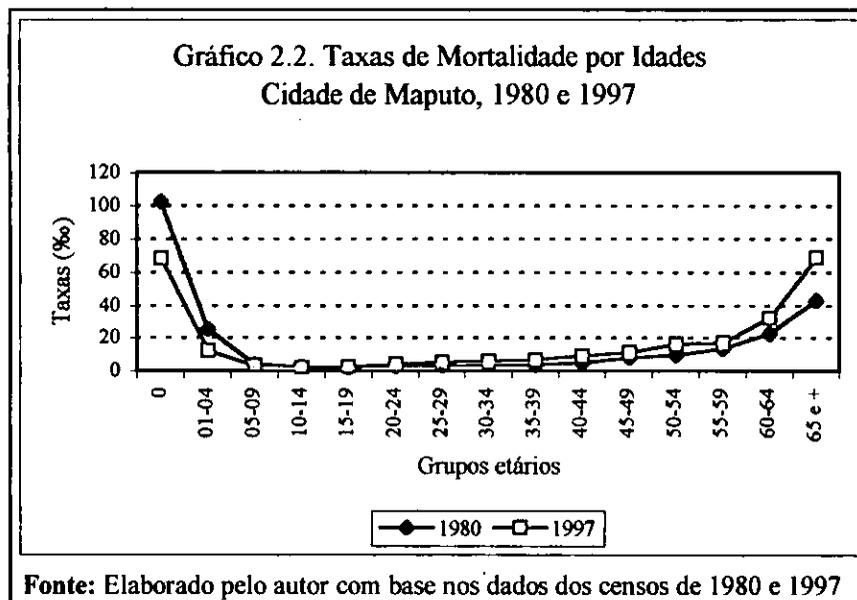
Com este tópico pretendia-se analisar a mortalidade na cidade de Maputo cobrindo as últimas três décadas mas, devido à falta de dados para 1970, o estudo incidirá apenas sobre o período de 1980-1997.



O Gráfico 2 mostra a evolução da mortalidade (total e por sexos) na cidade de Maputo para o período de 1980-1997. Durante esses 17 anos, a mortalidade sofreu um declínio de 13,5% devido fundamentalmente a uma importante redução da mortalidade infantil (Gráf. 2.1). Analisando esse fenómeno por sexos, verifica-se que esse progresso tem sido muito mais rápido nas mulheres (29,3%) do que nos homens (0,9%); salvo raras excepções, em todas as idades os níveis de mortalidade da população feminina têm sido relativamente maiores do que os da população masculina (ver anexo II, Tabelas i e ii). Essa sobremortalidade masculina na cidade deve-se, em parte, aos acidentes de viação e mortes por violência, factores que, de acordo com o INE (2000:40), afectam mais a população masculina dos centros urbanos.

No Gráfico 2.2 estão representadas as taxas de mortalidade da cidade de Maputo por grupos etários para 1980 e 1997, ou seja, apresenta-se os modelos da mortalidade nestas duas épocas. Independentemente das variações de intensidade nas diferentes faixas etárias, os modelos são semelhantes. Percebe-se que, tanto num modelo como noutro, no início os valores são elevados (devido à mortalidade infantil); em seguida os valores começam a diminuir até atingirem um mínimo que se situa entre os 5 e os

10 anos de idade; entre os 10 e os 20 anos os valores são idênticos; entre os 20 e os 40 anos, regista-se uma ligeira subida; a partir dos 40 anos em diante, a mortalidade aumenta a um ritmo acelerado.



Entretanto, analisando o fenómeno por grupos de idades de 1980 para 1997 podem ser observadas duas diferenças importantes entre os níveis de mortalidade dos dois modelos: uma é a queda acentuada da mortalidade (49,7%) na faixa dos 0-4 anos e a outra é o agravamento significativo desta variável demográfica nas idades mais avançadas (60 e mais anos). No primeiro caso, a diferença nos níveis de mortalidade pode ser explicada pela melhoria das condições gerais de saúde e higiene porque, como referem vários autores, a população desta faixa etária é muito sensível a estes dois aspectos. No segundo caso, essa diferença pode estar relacionada com o aumento do grau de prevalência de doenças como a Malária e Tuberculose que geralmente são a principal causa da morte na população idosa da cidade (vide gráfico do anexo 3).

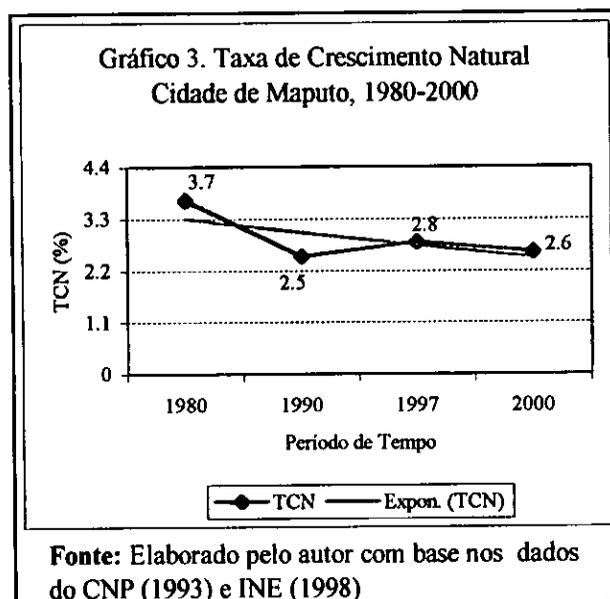
Finalmente, a curva da mortalidade em forma de U confirma a selectividade deste fenómeno por idade, que é referida por vários autores.

3.3. A taxa de crescimento natural

Depois de nos números 3.1 e 3.2 ter-se analisado as componentes do crescimento natural (natalidade e mortalidade), agora é vez de medir esse crescimento.

A medida geralmente mais utilizada para fazer essa avaliação é a taxa de crescimento natural (TCN). Esta taxa corresponde à diferença entre a taxa bruta de natalidade e a taxa bruta de mortalidade. Pode ser positiva, nula ou negativa consoante a taxa bruta de natalidade seja superior, igual ou inferior à taxa bruta de mortalidade (Carvalho, 2000).

No Gráfico 3, está representada a evolução da taxa de crescimento natural da população da cidade de Maputo para o período de 1980-2000. Como se pode notar, o crescimento natural da população desta urbe se desenvolveu em três



fases distintas: a) a primeira (1980-1990) caracterizou-se pelo declínio da taxa de crescimento natural em 1,2%, em consequência da queda da natalidade numa altura em que a mortalidade aumentava acentuadamente; a TBN decresceu em 4,5 nascimentos por 1000 habitantes, enquanto a TBM aumentava em 7,2%. b) Na segunda fase (1990-1997), ambas as taxas (de natalidade e mortalidade) registaram um crescimento negativo, mas este foi mais acentuado para a segunda taxa do que

para a primeira: a primeira diminuiu em 8,5 nascimentos por cada 1000 habitantes e a segunda em 11,3 óbitos, o que justifica o crescimento natural positivo observado nesse período; c) a terceira (1997-2000) caracterizou-se por um novo declínio do crescimento natural, mas desta vez mais moderado; a taxa bruta de natalidade aumentou em 6 nascimentos por cada 1000 pessoas e a taxa bruta de mortalidade, em 7,4 óbitos.

Nos últimos 20 anos, o crescimento natural da população tem tendência a reduzir na cidade (ver linha de tendência do Gráfico 3), o que é consistente com a queda de fecundidade observada sobretudo em casais mais jovens, como atrás já se referiu.

Infelizmente, a falta de dados não permitiu analisar o crescimento natural da população para o período de 1970-1980.

4. A Migração

Denomina-se migração a todo o movimento de pessoas de um lugar geográfico para outro. Esta pode ser interna (quando ocorre dentro de um mesmo país) ou internacional (quando se realiza de um país para outro). No ponto de partida, chama-se emigração e no de chegada, imigração¹⁰.

A migração é uma das principais componentes do crescimento da população urbana. O objectivo deste número é ver até que ponto este fenómeno contribuiu para aumentar a população da cidade de Maputo entre 1975 e 1997. Assim, esta análise centrará a sua atenção na evolução da imigração total e no seu comportamento por

¹⁰ INE (1999).

A imigração mede-se através da taxa de imigração; esta taxa corresponde à razão entre o número de imigrantes e a população média de uma determinada área. Geralmente exprime-se em permilagem. Calcula-se pela fórmula: $m_i = I/P * 1000$ (Nazareth, 1996).

sexos; as causas da imigração não serão discutidas, pois isso não parece relevante para este estudo. Neste tópico será muito notória a falta de dados, particularmente para o período de 1980-1992.

Com o fim da guerra colonial, alcançou-se a independência nacional. Assim cessaram as restrições de acesso às cidades,

a população refugiada regressou ao país e abriram-se representações internacionais, o que justifica o intenso movimento

Tipo de migração	1975-1980	1992-1997
Interna	112.1	76.5
Internacional	11.7	13.5
Total	123.8	90.0
Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados dos censos de 1980 e 1997.		

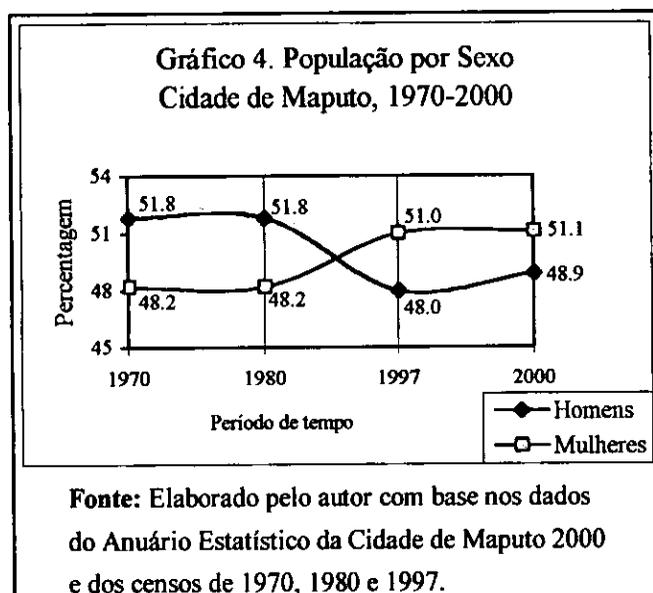
de imigração entre 1975 e 1980 (Tab.6).

Os dados disponíveis indicam que pelo menos 91.376 pessoas terão entrado na cidade no período de 1975-1980. Destas, cerca de 90,6% eram provenientes de outras províncias e 9,4%, do estrangeiro; o que mostra a importância da imigração interna sobre a internacional no conjunto da imigração na urbe (CNP, 1980 e INE, 1997).

Esse movimento de imigração era constituído maioritariamente por pessoas de idade inferior a 30 anos (78,7%); 57,2% desta população tinham menos de 20 anos, ou seja, eram jovens. Estes dados mostram que nesses primeiros cinco anos da Independência Nacional houve uma grande propensão para os mais jovens emigrarem para a cidade, o que naturalmente contribuiu para rejuvenescer ainda mais a população urbana.

Não há dados para o período de 1980-1992, mas pensa-se que tenha havido muita imigração à cidade pois, nessa época, a guerra civil era muito intensa no campo. Não obstante essa falta de dados, uma análise à estrutura sexual da população (Tab.4, p.23) permite, ao menos, afirmar que houve um grande incremento da imigração

feminina; de uma estrutura populacional dominada por homens passou-se para uma estrutura maioritariamente constituída por mulheres (Gráf. 4).

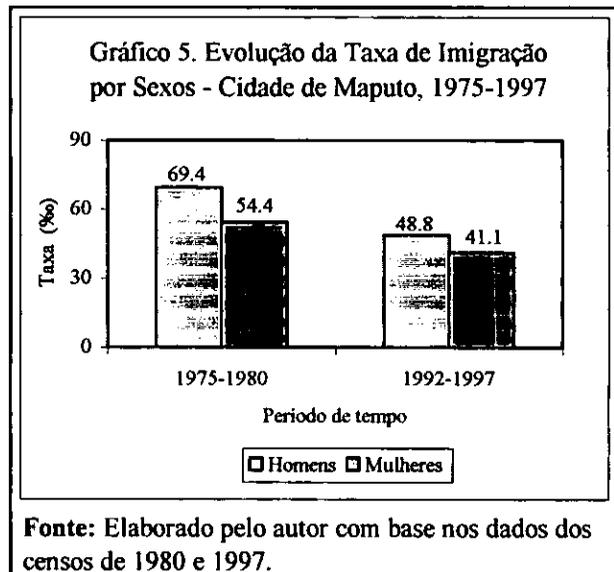


De um período para outro, os dados revelam um acentuado declínio da imigração; esta baixou em cerca de 34% de 1975-1980 para 1992-1997. Mas essa queda da imigração verificou-se apenas na imigração interna, pois a imigração externa aumentou em cerca de 2%. O retorno de parte da população imigrada às suas “zonas” de origem (ou a sua fixação em outros locais) uma vez terminado o conflito armado em 1992, é, provavelmente, a principal causa dessa redução da imigração.

Tal como aconteceu entre 1975-1980, o período de 1992-1997 foi marcado pelo predomínio da imigração interna sobre a internacional. Infelizmente, não há dados que permitam medir este fenómeno em termos de idade.

A Província de Gaza foi a maior fornecedora de imigrantes entre 1975 e 1980 (cerca de 34,7%¹¹ dos imigrantes à cidade de Maputo); em 1992-1997, foi a Província de Inhambane (25,5%).

O aumento de intensidade da guerra civil na década de 1980 (como atrás já se referiu) e as calamidades naturais (sobretudo as cheias e a seca prolongada) provocaram a fuga de camponeses (principalmente de mulheres adultas) para a cidade. Foi, com certeza, esse movimento feminino massivo que alterou a estrutura sexual da população da



urbe na década de 1980-1990 (Gráf.4, p.35) e conferiu um relativo equilíbrio à relação entre sexos no período de 1992-1997 (Gráf. 5).

Entretanto, de 1992 a 1997 o movimento de imigração feminina abrandou enquanto a imigração masculina ia aumentando gradualmente, fazendo prever uma nova inversão da relação entre sexos no futuro.

5. A Redefinição dos Limites Geográficos da Cidade

A população de uma cidade também pode crescer devido à redefinição dos seus limites territoriais; é o que acontece com muitas cidades africanas (Araújo, 1997). Neste tópico, pretende-se ver até que ponto a população da cidade de Maputo terá aumentado devido a este fenómeno entre 1970 e 2000.

¹¹ Percentagem calculada pelo autor com base nos dados dos censos de 1980 e 1997.

Em 1970, a cidade de Maputo tinha 76 Km² de superfície e era habitada por cerca de 400 mil pessoas (IUE, 1971).

Através da Resolução N.º 5, de 26 de Junho de 1980¹², a então Assembleia Popular alterou os limites geográficos da cidade – passando a incluir a cidade da Matola – e rebaptizou-a com o nome de Cidade do Grande Maputo. Assim, Maputo passou a ter uma superfície de 633 Km². Esta expansão resultou, naturalmente, num grande aumento da população urbana.

Segundo uma fonte do Departamento de Divisão Territorial no Ministério de Administração Estatal, em 1989 foi oficializado o projecto de separação das cidades de Matola e Maputo (desenhado em 1986), o que resultou na redução da superfície da capital do País de 633 para 300 Km² e da sua população de 738.239 para 561.489 habitantes (em relação a 1980), respectivamente.

Dado que a informação disponível é insuficiente, não se pode avaliar o impacto da redefinição dos limites territoriais sobre a população urbana. Por exemplo, não está claro sobre qual era a superfície da cidade de Maputo até 1980, pois os 76 Km² indicados pelo Censo de 1970 parece estarem muito desajustados da realidade; pode ser que antes deste ano tenha havido alguma expansão territorial da urbe. Além disso, não há dados sobre o número de habitantes que Maputo ganhou com a anexação da cidade da Matola.

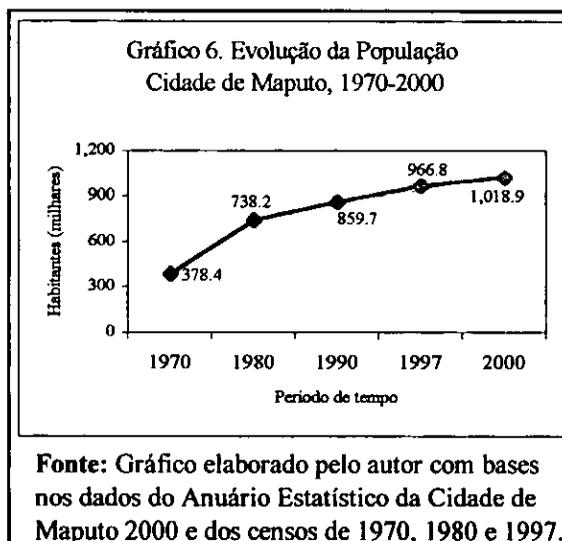
¹² Imprensa Nacional: Boletim da República N.º 25, I Série.

6. O Crescimento da População

Nos números 3, 4 e 5 deste capítulo, foram analisados os principais factores que contribuíram para o crescimento da população da cidade de Maputo no período de 1970-2000. Agora é a vez de analisar o crescimento global dessa população.

O crescimento da população define-se como a mudança do tamanho dessa população no tempo (Nazareth, 1996)¹³. Calcula-se pela diferença de tamanhos da população em dois momentos específicos. Os principais factores do crescimento populacional são o crescimento natural e o saldo migratório. Entretanto, no caso específico da população urbana, podem entrar outros factores como a reclassificação de áreas urbanas, o surgimento de novas cidades, etc. (Rincón, 1984; Tati, 1993; Araújo, 1997; e outros).

No Gráfico 6, observa-se a evolução da população da cidade de Maputo de 1970 a 2000. Note-se, no entanto, que de uma década para outra, a velocidade de crescimento tem variado bastante. De 1980 a 1990, a taxa de crescimento desceu de 6,9% para 4,1% e de 1990 a 2000, reduziu até 3,4%.



Este último valor significa que nos últimos 30 anos a população da urbe cresceu, em média, a uma taxa de 3,4% ao ano, situando-se assim muito acima da taxa média do

¹³ Adoptou-se o modelo de crescimento geométrico para o cálculo do crescimento populacional, que se resume na fórmula seguinte: $P_n = P_0(1+r)^n$; onde P_n é a população final considerada, P_0 a população inicial, r a taxa de crescimento e n o tempo em anos (Nazareth, 1996:86).

crescimento populacional do País (1,8%) para o mesmo período¹⁴. Esta taxa o tempo de duplicação é de 21 anos.

O maior crescimento da população registou-se na primeira década (1970-1980). Os principais factores que contribuíram para esse grande crescimento demográfico, sobretudo nos primeiros cinco anos da Independência Nacional, são: a) o elevado crescimento natural devido à queda muito acentuada da mortalidade impulsionada pelas melhorias das condições gerais de saúde, educação e habitação, entre outras, num momento em que a natalidade aumentava (INE, 1998) e; b) o aumento da importância da cidade de Maputo como principal pólo de desenvolvimento, passando a atrair mais migrantes das áreas rurais e das outras cidades do país (Araújo, 1997).

A queda substancial do ritmo de crescimento populacional na segunda década (1980-1990) pode estar relacionada com a redefinição dos limites geográficos da cidade; segundo uma fonte do Departamento de Divisão Territorial do Ministério da Administração Estatal, em 1986 foi decidida a separação das cidades de Maputo e Matola.

Na última década, essa desaceleração da taxa de crescimento pode estar, sobretudo, relacionada com o declínio da fecundidade e do saldo migratório para valores muito baixos¹⁵, após a assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992.

Em conclusão, a população da cidade de Maputo registou um rápido crescimento nos últimos trinta anos. Esse elevado crescimento parece ter sido causado mais pelo crescimento natural, que se manteve sempre positivo ao longo de todo o período em análise, do que pelos outros factores. Com efeito, apesar de os dados serem

¹⁴ Todas as taxas foram calculadas pelo autor com base em dados do IUE (1971), CNP (1980) e INE (2000).

¹⁵ A taxa de migração líquida entre 1992 e 1997 foi de -16,2% (INE, 2000).

insuficientes para fazer uma avaliação completa sobre a contribuição da migração e da reclassificação urbana, o facto de as entradas em algum momento terem sido compensadas pelas saídas diminui, até certo ponto, a possibilidade de estes terem tido uma influência significativa sobre o crescimento demográfico.

7. As Consequências do Rápido Crescimento da População

Nos números anteriores, analisou-se a estrutura da população da cidade de Maputo, as principais componentes do crescimento demográfico, bem como a evolução dessa mesma população. A conclusão foi que a população desta urbe cresceu a um ritmo elevado nas últimas três décadas. Quais são as consequências desse rápido crescimento? Esta é a questão que seguidamente se procura responder.

Por razões de espaço e tempo, o estudo das consequências desse rápido crescimento populacional não foi aprofundado. Assim, a análise cingiu-se a uma pequena abordagem complementada com alguns exemplos.

De um modo geral, essa rápida expansão demográfica que se observou na cidade trouxe consigo inúmeras dificuldades administrativas, especialmente em relação a infra-estruturas como a habitação, escolas, hospitais, estradas, rede sanitária, etc., que não puderam ser rapidamente ampliadas à medida do crescimento da população. Por exemplo, a ocupação de dependências e terraços dos prédios reflecte a escassez de habitação, particularmente para a classe mais desfavorecida (desempregados, famílias com baixos rendimentos, etc.), enquanto que o congestionamento do trânsito que frequentemente ocorre na urbe está sobretudo relacionado com a incapacidade da maioria das rodovias de atender ao intenso tráfego que se verifica na cidade sobretudo nas horas de ponta. Refira-se que esta incapacidade de escoamento do

trânsito é agravada pelo estado precário das estradas, pois, grande parte delas apresenta muitos buracos.

Note-se que os problemas causados pela “explosão demográfica” na cidade não se resumem apenas no enfraquecimento da rede de infra-estruturas; a precoce e crescente degradação destas devido a pressão demográfica a que estão sujeitas, a deterioração dos serviços públicos (ensino, saúde, saneamento e etc.), os crescentes níveis de criminalidade, a rápida expansão do mercado informal (Mandela, Estrela Vermelha, Malanga e Xiquelene, constituem alguns exemplos mais salientes), e a construção de habitações em locais reservados para outros fins tal como aconteceu com parte do espaço pertencente ao Jardim Zoológico (Fig. 2) e com a área destinada à construção de uma escola no bairro de Mavalane “A”, são também, em grande medida, outras consequências do rápido crescimento demográfico.



Fig. 2. Vista parcial das habitações construídas na área de reserva do Jardim Zoológico.
Fonte: Foto do autor (2003).

Capítulo IV

CONCLUSÕES

Com base neste trabalho, pretendeu-se fazer uma análise da dinâmica do crescimento da população da cidade de Maputo, definir diferentes períodos de crescimento, entender os principais factores de crescimento, bem como identificar a tendência global desse crescimento, tendo-se chegado às conclusões seguintes:

- O nível de fecundidade na cidade de Maputo é elevado. Durante as últimas três décadas, aumentou substancialmente, sobretudo na década de 1980, quando a taxa global de fecundidade (TGF) se situou muito próximo da média do país; a TGF da cidade foi de 6,3 filhos contra 6,8 do país. Este crescimento parece ter sido causado principalmente por mudanças na composição da população, isto é, pelo aumento de categorias sociais que geralmente exibem altos níveis de fecundidade (imigrantes rurais, com baixo nível de escolaridade e comportamento reprodutivo tradicional). Dado que normalmente as pessoas que engrossam estas categorias são jovens, em 1980 (ano em que se registou a maior imigração à cidade) a fecundidade teve um incremento maior entre as mulheres menores de 35 anos. Com o melhoramento do nível de escolaridade (especialmente dos jovens), a fecundidade sofreu um acentuado declínio principalmente nas mulheres mais jovens (menores de 35 anos) de 1980 para 1997. Comparando 1970 com 1997, nota-se que a fecundidade reduziu ligeiramente nas mulheres com menos de 35 anos de idade, mas ela aumentou nas mais velhas; e esse aumento foi maior do que a diminuição, o que significa que globalmente o nível de fecundidade aumentou na cidade.

- A mortalidade na cidade é muito baixa em comparação com a média do país. Segundo o INE (1998), a mortalidade infantil em 1997 era de 60 óbitos por 1000 nascimentos, portanto mais de 2,4 vezes inferior ao nível médio do país. Ao que parece, esta queda da mortalidade, particularmente da mortalidade infantil, se deve à melhoria das condições sociais da urbe.
- Decorrente da manutenção do nível elevado de fecundidade e da queda da mortalidade, o crescimento natural manteve-se também elevado na cidade.
- Todos os movimentos de migração examinados estão ligados, em maior ou menor medida, à vinda para a cidade de refugiados da guerra civil e ao seu retorno aos lugares de origem (ou outros) após o Acordo Geral de Paz (1992). De qualquer modo, não se deve pôr de parte a imigração devido aos factores tradicionais (emprego, educação, etc.). A análise da composição por sexo e idade sugere que estes movimentos foram feitos principalmente por pessoas mais jovens (menores de 30 anos); os dados indicam que até sensivelmente finais da década de 1980 a imigração era predominantemente masculina, mas depois deste ano a situação alterou-se. Entretanto, dados mais recentes sugerem uma tendência para um novo predomínio de imigrantes do sexo masculino depois do Acordo Geral de Paz, o que poderá no futuro inverter novamente a estrutura sexual da população. Note-se que os dados disponíveis não são suficientes para descrever de forma completa a imigração na urbe. Para isso, a análise dos dados censitários deveria ser complementada com trabalho de campo, o que exigiria muito mais tempo e recursos.
- Os dados sobre a redefinição dos limites geográficos da cidade são muito escassos. Não está muito claro sobre como a superfície da cidade passa de 76

Km² em 1978 para 616 Km² em 1980. Entre estes dois anos, não terá havido alguma reclassificação urbana? De igual modo, também não há dados sobre o ganho ou perda de população pela cidade com a redefinição dos seus limites espaciais tanto em relação a 1980 como em relação à desanexação da cidade da Matola em 1986.

- A falta de dados, já referida anteriormente, não permite avaliar (sem error) o grau de influência de cada um dos factores de crescimento populacional sobre o crescimento demográfico da cidade, particularmente em relação à imigração e à redefinição dos limites geográficos urbanos. De igual modo, também não é possível hierarquizar esses factores. Todavia, parece que o crescimento natural foi o factor mais importante no crescimento da população da cidade de Maputo, pois se manteve sempre positivo em todo o período em análise.
- O processo de crescimento demográfico na área do estudo desenvolveu-se em dois períodos distintos: o primeiro (1970-1980) foi caracterizado sobretudo pela rápida expansão da população e; o segundo (1980-2000), pelo abrandamento dos ritmos de crescimento.
- A actual estrutura sexual da população resulta de uma maior imigração de indivíduos do sexo feminino do que os do sexo masculino entre 1980 e 1992, que foi reforçada por uma grande redução da mortalidade feminina entre 1980 e 1997. Entretanto, se a tendência de imigração que vem se verificando desde 1992 se mantiver, no futuro ter-se-á uma estrutura sexual novamente dominada pela população masculina.

-
- Os níveis de dependência demográfica, depois de terem aumentado consideravelmente de 1970 a 1980, a partir deste último ano iniciaram um declínio gradual acompanhando o ritmo do crescimento populacional.
 - Nos últimos 17 anos (1980-1997), a mortalidade declinou mais rapidamente do que a fecundidade, o que ditou a manutenção do nível elevado do crescimento natural.
 - Na ausência da interferência de outros factores, se esta tendência permanecer, o crescimento da população pode continuar, por muito tempo, a processar-se a ritmos acelerados.

BIBLIOGRAFIA

1. ARAÚJO, Ana: Manual de Demografia para Estudantes de Medicina. Maputo, Projecto MOZ/98/P08.
2. ARAÚJO, Manuel M. G.: Geografia dos Povoamentos. Maputo, Livraria Universitária-Universidade Eduardo Mondlane, 1997.
3. ——— Cidade de Maputo Espaços Contrastantes: do urbano ao rural. In: Finisterra. *Revista Portuguesa de Geografia*. v. XXXIV, nºs 67-68. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1999.
4. ARAÚJO, Manuel G.M & RAIMUNDO, Inês M.: In: *Gazeta Demográfica*. n.12. Universidade Eduardo Mondlane, CEP, Projecto MOZ/98P08, Set/99. P.1-37.
5. ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL & CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA (AIP/CCI): Estudo de Oportunidades de Investimento para as Empresas Industriais Portuguesas – Guia de Moçambique. s/l. 2000.
6. ASSUATE, Maimuna: Crescimento da População Urbana e problemas da Urbanização da cidade de Maputo. Série População e Desenvolvimento. n.11. Maputo, Comissão Nacional do Plano, Nov./94.
7. AZEVEDO, Mário de: Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques. v.5, n.3. Lisboa, Centro de Estudos do Urbanismo e Habitação Engenheiro Duarte Pacheco, MOPH, 1970.
8. BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline: Geografia Urbana. (2.ed.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
9. BECKER, Charles et al: *Beyond Urban Bias in Africa*. London, 1994.
10. CALDWELL, John C.: *Population Growth and Socioeconomic Change in West Africa*. New York, Population Council, 1975.
11. CARVALHO, Ana Pires: Glossário Demográfico. Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos da População (CEP). Maputo, 2000.
12. COMISSÃO NACIONAL DO PLANO (CNP): *Moçambique em Números*, 1993.
13. ——— I Recenseamento Geral da População e Habitação. Maputo, 1980.

14. COUGHLIN, Peter & LANGA, Julieta: *Claro e Directo: Como Escrever um Ensaio*. Maputo, 1994.
15. DERRUAU, Max: *Geografia Humana*. (2.ed.). v.1. Lisboa, 1977.
16. ——— *Geographie Humaine* (4.ed.). Paris, Armand Colin, 1991.
17. DIRECÇÃO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CADASTRO (DINAGECA), 1997.
18. DORLING KINDERSLEY: *Atlas Universal*. Lisboa, 1998.
19. DUBRESSON, Alain. Crise(s) et Peuplement de Villes en Afrique au Sud du Sahara. In: COUSSY, Jean et VALLIN, Jacques: *Crise et Population en Afrique: Crises économique, politiques d'ajustement et dynamiques*. (2.ed.). Les Études du CEPED n.º 3. Paris, Centre français sur la population et le développement, 1996. cap.14, p:375-387.
20. FNUAP: *A Situação da população Mundial. 1998: As novas gerações*. New York, Set/98.
21. ——— *A Situação da população Mundial. 1999*. New York, Set/99. p: 1-28.
22. ——— *Rastos e Marcos: População e Mudanças Ambientais: A situação da População Mundial*. Nova York, 2001. p: 8-36.
23. GARRIDO, Dulce & COSTA, Rui: *Dicionário Breve de Geografia*. Lisboa, Editorial Presença, 1996.
24. GIL, António C.: *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. (2.ed.). São Paulo, Atlas, 1989.
25. IMPRENSA NACIONAL: *Boletim da República N.º 25, Série I*. Maputo, Jun/1980.
26. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE): *II Recenseamento Geral de População e Habitação 1997 - Indicadores Sócio-Demográficos: Cidade de Maputo*. Maputo, 1998.
27. ——— *II Recenseamento Geral de População e Habitação 1997 - Indicadores Sócio-Demográficos de Moçambique*. Maputo, 1999.
28. ——— *Anuário Estatístico: Cidade de Maputo 2000*. Maputo, 2000.

29. ——— Inquérito Demográfico e de Saúde 1997. Maputo, 1998.
30. ——— Panorama Sócio-Demográfico 1997. Maputo, 2000.
31. ——— Questionário de Indicadores Básicos de Bem-Estar: *Relatório Final*. Maputo, 2001.
32. ——— Questionário de Indicadores Básicos de Bem-Estar: *Quadros Definitivos*. Maputo, 2002.
33. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE) *et al*: Impacto Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique. Maputo, 2002.
34. INSTITUTO ULTRAMARINO DE ESTATÍSTICA (IUE): IV Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1971.
35. LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de A.: Metodologia do Trabalho Científico. (3.ed.). São Paulo, Atlas, 1990.
36. MICOA: Saiba (quase) tudo sobre os Males de Maputo: *Novo Moçambique*. Maputo, n.15, p:4-5, Jun/97.
37. MINISTÉRIO DE ADMINISTRAÇÃO ESTATAL (MAE) - Departamento de Divisão Territorial.
38. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MINED) - Direcção de Planificação. Indicadores Educacionais e Efectivos Escolares: Ensino Primário, 1983-1992. Maputo, 1994.
39. MINISTÉRIO DO PLANO E FINANÇAS (MPF). Unidade de População e Planificação: Contribuição para a Definição do Conceito "Urbano" para o Censo de População de 1997 em Moçambique. Série População e Desenvolvimento. doc.13. Maputo, Jul/96.
40. MUANAMOHA, Ramos: Textos de Apoio à Cadeira de Geografia da População. Maputo, 2000.
41. MUCHANGOS, Aniceto dos: Cidade de Maputo: *Aspectos Geográficos*. Maputo, Editora Escolar, 1994.
42. NAZARETH, J. Manuel: Introdução à Demografia. Lisboa, Presença, 1996.
43. NOIN, Daniel: *Geographie de la Population*. Paris, MASSON, 1987.

44. OUCHO, John & GOULD, William T.S. In: *Changements Démographiques au Afrique Subsaharienne*. Cahier n° 135. France, INED-PUF, 1996.
45. PALHETA, I.G. de Vasconcelos: *O Uso da Terra em Tauá-Vigia, Estado do Pará*. v.1. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1980.
46. RINCÓN, Manuel: *Distribución Espacial y Migraciones Internes – Aspectos Metodológicos*. Série n.º 1009. San José-Costa Rica, Centro Latinoamericano de Demografia, Febrero/94.
47. SANTOS, Milton: *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo, HUCITEC, 1981.
48. TATI, Gabriel: *Migration, Urbanization et Développement au Congo*. N° 5. s/l., IFORD, Set/93.
49. TORRES, Adelino: *Demografia e Desenvolvimento: Elementos Básicos*. Lisboa, Gradiva, 1996.
50. QUIVY, Raimond & CAMPENHOUDT, Luc Van: *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.ed. Lisboa, Gradiva, 1998.
51. ZELINSKY, Wilbur: *The Impasse in Migration Theory: a sketch map for potential escapes*. In: MORRISON, Peter A. *Population Movements: Their forms and Function in Urbanization and Development*. Belgium, IUSSP, Ordina Edition, 1980.

Anexos

Anexo 1: Principais Conceitos*

- Agregado familiar – conjunto de pessoas ligadas por laços familiares ou não que vivem na mesma casa e compartilham as despesas da mesma (INE, IIRPH/97).
- Cidade – área de concentração do aparelho administrativo que desempenha a função de enquadramento e de controlo do território (Araújo, 1997).
- Crescimento natural da população (ou saldo fisiológico) – diferença entre a natalidade e mortalidade num determinado período de tempo, isto é, a diferença entre o número de nascimentos e o número de mortos nesse período. O crescimento natural pode ser positivo, negativo ou nulo, consoante a natalidade seja superior, inferior ou igual à mortalidade, respectivamente. O crescimento natural exclui as migrações.
- Estrutura etária – distribuição da população por classes de idades. Geralmente, a percentagem de crianças e jovens no total da população é muito elevada nos países menos desenvolvidos.
- Fecundidade – número total de nados-vivos; mede a frequência dos nascimentos que ocorrem nas mulheres em idade de procriar.
- Migração – movimentos de pessoas de um país para o outro, ou dum lugar geográfico para o outro dentro do mesmo país, com mudança de residência. No primeiro caso, trata-se de migração internacional e, no segundo, de migração interna. Denomina-se emigração ao movimento de saída de pessoas de uma determinada área geográfica para a outra, e imigração, ao afluxo de pessoas a essa mesma área (INE, IIRGPH/97).

* Fonte: Todos os conceitos sem indicação imediata do autor pertencem a Ana Carvalho (2000).

- Nado-vivo – criança que ao nascer dá algum indício de vida, por pequeno que seja (chora, produz qualquer som, realiza qualquer movimento), mesmo que venha a falecer momentos depois.
- Natalidade – número total de nados-vivos ocorridos num dado período, numa dada população.
- Níveis de fecundidade – dimensão dada pelos diferentes indicadores de fecundidade de uma população. Os indicadores de fecundidade mais importantes são: taxa bruta de natalidade, taxa de fecundidade total, taxa global de fecundidade, taxa bruta de reprodução e taxa líquida de reprodução. Note-se, no entanto, que nenhum destes indicadores pode dar, por si só, uma ideia completa sobre a fecundidade; é o seu conjunto que pode caracterizar esse fenómeno apropriadamente.
- Níveis de mortalidade – dimensão dada pelos diferentes indicadores de mortalidade de uma população. Os indicadores mais importantes são: taxa bruta de mortalidade, taxas específicas de mortalidade, esperança de vida e taxa de mortalidade infantil.
- Ritmo de crescimento – modelo matemático de crescimento populacional que proporciona um valor médio anual, de forma a possibilitar comparações entre períodos de tempo de diferentes amplitudes. Esse modelo é geralmente denominado de taxa de crescimento (Nazareth, 1996:85).
- *Sex ratio* – razão entre o número de indivíduos do sexo masculino por cada 100 do sexo feminino (Derruau, 1991).
- Taxa bruta de imigração – razão entre o saldo migratório de uma população num dado ano e a população média nesse ano.

- A taxa bruta de mortalidade num determinado ano t é a razão entre o número de óbitos no ano t e a população média nesse ano. Esta taxa é influenciada por mudanças na estrutura da população e este facto deve ser levado em consideração quando se compara o nível de mortalidade de duas populações.
- Taxa bruta de natalidade – razão entre o número de nascimentos ocorridos num dado ano e a população média nesse ano. Esta taxa é influenciada por mudanças na estrutura etária da população e sexo, pelo que deve ter-se em conta este facto quando se compara o nível de natalidade de populações diferentes. Diferentemente da mortalidade, em que qualquer pessoa está sujeita ao risco de morrer, na natalidade apenas as mulheres em idade reprodutiva é que estão sujeitas ao risco de produzir crianças. Assim, o estudo da fecundidade deve ser centrado nas mulheres em idade reprodutiva. Apesar disso, a taxa de natalidade é uma medida fundamental, pois em conjugação com a taxa bruta de mortalidade determina a taxa de crescimento natural de uma dada população.
- Taxas específicas de fecundidade por idade – quociente entre o número anual de nascimentos de mulheres de uma determinada idade i e a população média feminina de idade i no mesmo ano. Para o cálculo das taxas específicas de fecundidade, nos países menos desenvolvidos, são apenas consideradas as mulheres com idades entre os 15 e os 49 anos.
- Taxa de fecundidade geral - razão entre o número de nascimentos num ano e a população média de mulheres em idade reprodutiva, geralmente considerada entre os 15 e os 49 anos. Tal como a taxa bruta de natalidade, esta taxa é influenciada pela distribuição etária de mulheres em idade reprodutiva, mas é independente do sexo e das idades mais jovens e mais velhas.

- Taxa global de fecundidade – esta taxa corresponde à soma de todas as taxas específicas de fecundidade por idade dessa população nesse ano. Trata-se de uma medida sintética da população num determinado ano, que representa o número médio de filhos nascidos por mulher, numa coorte fictícia de mulheres sobreviventes até ao final da idade reprodutiva e que em cada idade tenham sido sujeitas às taxas específicas de fecundidade de uma população num dado ano, até ao final da sua idade reprodutiva.
- Taxa de mortalidade infantil – número de mortes com menos de um ano por mil nados-vivos num dado ano.



Anexo 2: Tabelas da Mortalidade e Demonstração dos Cálculos

Tabela i. Níveis de Mortalidade (taxas padronizadas) por Grupos Etários da População Masculina da Cidade de Maputo em 1980 e 1997

Grupo Etário	1980		1997		1980			1997			Pop. Tipo	
	Pop.	Óbitos	Pop.	Óbitos	P_x	t_x	$P_x t_x$	P'_x	t'_x	$P'_x t'_x$	$P_x t'_x$	$P'_x t_x$
0	17,032	1,927	13,074	1,031	0.045	113.14	5.0	0.028	78.86	2.2	3.5	3.1
1-4	53,172	1,418	53,891	784	0.139	26.67	3.7	0.114	14.55	1.7	2.0	3.0
5-9	49,444	231	60,890	246	0.129	4.67	0.6	0.129	4.04	0.5	0.5	0.6
10-14	40,098	124	65,558	157	0.105	3.09	0.3	0.138	2.39	0.3	0.3	0.4
15-19	46,861	92	66,170	201	0.123	1.96	0.2	0.140	3.04	0.4	0.4	0.3
20-24	46,234	121	48,952	232	0.121	2.62	0.3	0.103	4.74	0.5	0.6	0.3
25-29	32,843	93	35,163	236	0.086	2.83	0.2	0.074	6.71	0.5	0.6	0.2
30-34	24,364	80	30,067	273	0.064	3.28	0.2	0.063	9.08	0.6	0.6	0.2
35-39	18,861	71	29,965	264	0.049	3.76	0.2	0.063	8.81	0.6	0.4	0.2
40-44	16,581	91	22,171	246	0.043	5.49	0.2	0.047	11.10	0.5	0.5	0.3
45-49	12,637	107	15,511	226	0.033	8.47	0.3	0.033	14.57	0.5	0.5	0.3
50-54	8,652	109	10,794	212	0.023	12.60	0.3	0.023	19.64	0.4	0.4	0.3
55-59	5,504	88	8,401	184	0.014	15.99	0.2	0.018	21.90	0.4	0.3	0.3
60-64	4,160	101	5,797	209	0.011	24.28	0.3	0.012	36.05	0.4	0.4	0.3
65+	6,007	283	7,324	620	0.016	47.11	0.7	0.015	84.65	1.3	1.3	0.7
TOTAL	382,450	4,936	473,728	5,121	1.000		12.9	1.000		10.8	12.3	10.5

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados dos censos populacionais de 1980 e 1997.

Tabela ii. Níveis de Mortalidade (taxas padronizadas) por Grupos Etários da População Feminina da Cidade de Maputo em 1980 e 1997

Grupo Etário	1980		1997		1980			1997			Pop. Tipo	
	Pop.	Óbitos	Pop.	Óbitos	P_x	t_x	$P_x t_x$	P'_x	t'_x	$P'_x t'_x$	$P_x t'_x$	$P'_x t_x$
0	13,998	1,630	13,160	761	0.039	116.45	4.6	0.027	57.827	1.5	2.3	3.1
1-4	57,344	1,326	53,911	524	0.161	23.12	3.7	0.109	9.7197	1.1	1.6	2.5
5-9	52,139	176	62,366	163	0.147	3.38	0.5	0.126	2.6136	0.3	0.4	0.4
10-14	41,351	83	68,487	100	0.116	2.01	0.2	0.139	1.4601	0.2	0.2	0.3
15-19	38,289	92	67,959	110	0.108	2.40	0.3	0.138	1.6186	0.2	0.2	0.3
20-24	37,080	97	54,660	168	0.104	2.62	0.3	0.111	3.0735	0.3	0.3	0.3
25-29	27,812	95	40,521	142	0.078	3.42	0.3	0.082	3.5044	0.3	0.3	0.3
30-34	22,659	80	34,045	115	0.064	3.53	0.2	0.069	3.3779	0.2	0.2	0.2
35-39	15,621	59	29,529	139	0.044	3.78	0.2	0.060	4.7072	0.3	0.2	0.2
40-44	14,043	59	19,789	126	0.039	4.20	0.2	0.040	6.3672	0.3	0.3	0.2
45-49	9,362	64	14,862	109	0.026	6.84	0.2	0.030	7.3341	0.2	0.2	0.2
50-54	7,957	53	9,921	119	0.022	6.66	0.1	0.020	11.995	0.2	0.3	0.1
55-59	4,902	52	7,539	89	0.014	10.61	0.1	0.015	11.805	0.2	0.2	0.2
60-64	4,919	106	5,823	161	0.014	21.55	0.3	0.012	27.649	0.3	0.4	0.3
65+	8,313	341	10,537	604	0.023	41.02	1.0	0.021	57.32	1.2	1.3	0.9
TOTAL	355,789	4,313	493,109	3,430	1.000		12.1	1.000		7.0	8.2	9.5

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados dos censos de 1980 e 1997

Tabela iii. Níveis de Mortalidade (taxas padronizadas) por Grupos Etários da População da Cidade de Maputo em 1980 e 1997

Grupo Etário	1980		1997		1980			1997			Pop. Tipo	
	Pop.	Óbitos	Pop.	Óbitos	P_x	t_x	$P_x t_x$	P'_x	t'_x	$P'_x t'_x$	$P_x t'_x$	$P'_x t_x$
0	34,446	3,560	26,234	1,792	0.047	103.35	4.8	0.027	68.31	1.9	3.2	2.8
1-4	107,100	2,745	107,802	1,308	0.145	25.63	3.7	0.111	12.13	1.4	1.8	2.9
5-9	101,583	407	123,256	409	0.138	4.01	0.6	0.127	3.32	0.4	0.5	0.5
10-14	81,449	205	134,045	257	0.110	2.52	0.3	0.139	1.92	0.3	0.2	0.3
15-19	85,150	184	134,129	311	0.115	2.16	0.2	0.139	2.32	0.3	0.3	0.3
20-24	83,314	217	103,612	400	0.113	2.60	0.3	0.107	3.86	0.4	0.4	0.3
25-29	60,655	188	75,684	378	0.082	3.10	0.3	0.078	4.99	0.4	0.4	0.2
30-34	47,023	160	64,112	388	0.064	3.40	0.2	0.066	6.05	0.4	0.4	0.2
35-39	34,482	130	59,494	403	0.047	3.77	0.2	0.062	6.77	0.4	0.3	0.2
40-44	30,624	150	41,960	372	0.041	4.90	0.2	0.043	8.87	0.4	0.4	0.2
45-49	21,999	171	30,373	335	0.030	7.77	0.2	0.031	11.03	0.3	0.3	0.2
50-54	16,609	162	20,715	331	0.022	9.75	0.2	0.021	15.98	0.3	0.4	0.2
55-59	10,406	141	15,940	273	0.014	13.55	0.2	0.016	17.13	0.3	0.2	0.2
60-64	9,079	207	11,620	370	0.012	22.80	0.3	0.012	31.84	0.4	0.4	0.3
65+	14,320	624	17,861	1,224	0.019	43.58	0.8	0.018	68.53	1.3	1.3	0.8
TOTAL	738,239	9,251	966,837	8,551	1.000		12.5	1.000		8.8	10.4	9.8

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados dos censos de 1980 e 1997

DEMONSTRAÇÃO DOS CÁLCULOS

1º - Cálculo de taxas brutas de mortalidade

Fórmulas: $TBM = \sum P_x t_x$; $TBM = \sum P'_x t'_x$, onde P_x e P'_x correspondem respectivamente às populações de idade x em 1980 e 1997, e t_x e t'_x , as taxas de mortalidade na idade x em 1980 e 1997.

2º - Cálculo de taxas padronizadas pelo Método da População-Tipo

- a) Tomando como população-tipo a população de 1980, as taxas padronizadas (T_p) calculam-se pela fórmula: $T_p = \sum P_x t'_x$. Por exemplo, a taxa padronizada para os homens calcula-se como se segue:

$$T_p = \sum P_x t'_x = 0,045 \times 78,86 + \dots + 0,016 \times 84,65 = 12,3$$

- b) Tomando como população-tipo a população de 1997, a taxa padronizada para as mulheres será:

$$T_p = \sum P'_x t_x = 0,027 \times 116,45 + \dots + 0,021 \times 41,02 = 9,5$$

3º - Tabela-resumo das taxas brutas (TBM) e taxas padronizadas

POPULAÇÃO	População-Tipo (1980)		População-Tipo (1997)	
	TBM	Taxa padron.	TBM	Taxa padron.
Homens	12,7	12,3	10,8	10,5
Mulheres	12,0	8,2	7,0	9,5
Total	12,4	10,4	08,8	09,8

4º - Cálculo de taxas de crescimento (tc)

a) Tomando como população-tipo a população de 1980, a tc calcula-se:

$Tc = (Tp - TBM) / TBM \times 100$. Por exemplo, para os homens essa taxa será:

$$tc = (12,3 - 12,9) / 12,9 \times 100 = -4,7\%$$

POPULAÇÃO	Taxa de Crescimento (%)
Homens	-4,7
Mulheres	-32,2
Total	-16,8

b) Tomando como população-tipo a população de 1997, a tc calcula-se:

$tc = (TBM - Tp) / Tp \times 100$. Por exemplo, para os homens essa taxa será:

$$tc = (10,8 - 10,5) / 10,5 \times 100 = -2,9\%$$

POPULAÇÃO	Taxa de Crescimento (%)
Homens	2,9
Mulheres	-26,3
Total	-10,2

5º - Taxas do crescimento real (tcr)

Tanto num caso como noutro, a taxa de crescimento (declínio) ainda não é uma medida fiel da variação da mortalidade; a medida ideal é a taxa do crescimento real.

O crescimento real corresponde à média aritmética das taxas calculadas em a) e b) do número anterior, ou seja, $t_{cr} = (tc_{1980} + tc_{1997}) / 2$. Por exemplo, a t_{cr} para as mulheres para o período de 1980-1997 calcula-se do seguinte modo:

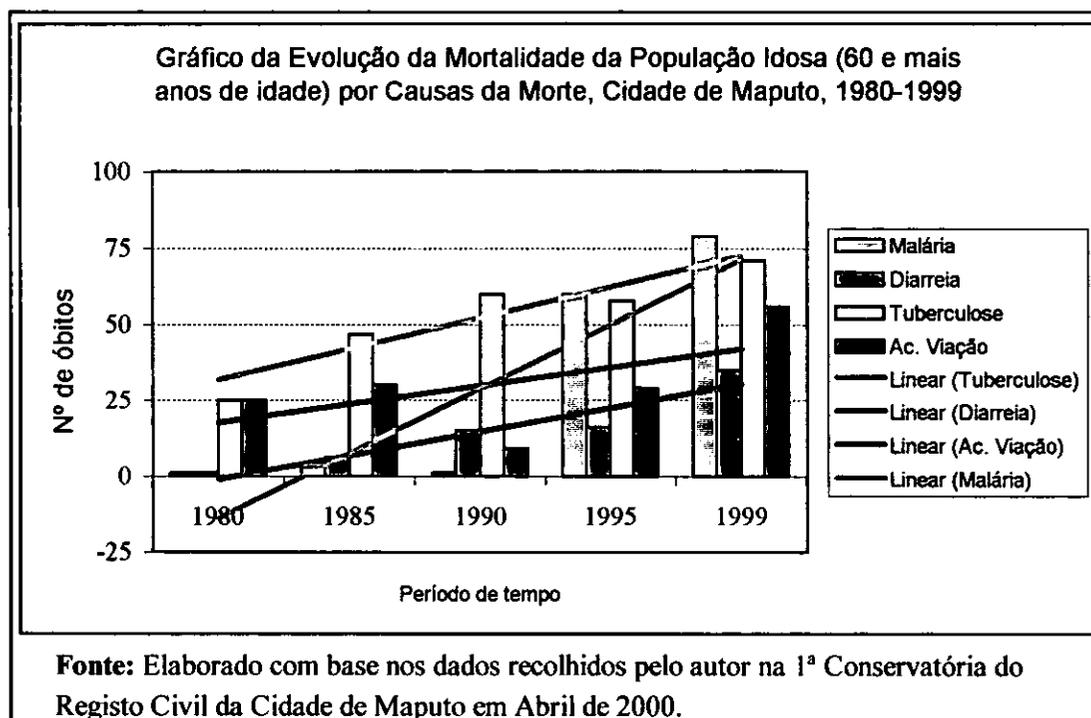
$$t_{cr} = (-32,2 - 26,3) / 2 = -29,3\%, \text{ isto é, nas mulheres o declínio real da mortalidade foi de } 29,3\%.$$

1996

NB.: As fórmulas de cálculo foram adaptadas da obra de J. Manuel Nazareth (p.133-139).

**Anexo 3. Mortalidade da População Idosa por Causas da Morte
Cidade de Maputo, 1980-1999**

Causas da Morte	1980	1985	1989	1990	1995	1999
Malária	1	3	1	1	60	79
Diarreia	1	6	22	15	16	35
Tuberculose	25	47	50	60	58	71
Acidentes de Viação	25	30	3	9	29	56



CURRICULUM VITAE

DADOS PESSOAIS

Apelido: Cossa

Nome: Orlando

Data de nascimento: 10 de Setembro de 1957

Nacionalidade: Moçambicana

Naturalidade: Matola-Maputo

Filiação: Cristina Cossa

Estado civil: Solteiro

B.I. Nº 366812

EVOLUÇÃO ACADÉMICA

1966-1968 Escola Primária da Munhuana

1968-1971 Escola Primária de Umbeluzi

1983-1985 Escola Secundária Gungunhana Licinga

1985-1987 Escola Secundária do Noroeste 1

1989-1990 Escola Secundária Francisco Manyanga

1991-2002 Faculdade de Letras da UEM

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

- ▷ Curso Geral da Polícia
- ▷ Curso Geral Aduaneiro
- ▷ Curso Geral da Migração
- ▷ Habilitações literárias frequência 5º ano da UEM – Faculdade de Letras – Curso de Geografia

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- ▷ Trabalhou como polícia no Comando Provincial da Polícia em Inhambane durante aproximadamente um ano,
- ▷ Trabalhou como polícia aduaneiro no Comando Provincial da Polícia Aduaneira em Niassa,
- ▷ Até 1979, altura em que passou a pertencer aos quadros da Migração,
- ▷ Trabalhou como adido consular no Consulado Geral de Moçambique em Joanesburgo, Africa do Sul.

OUTROS CONHECIMENTOS

- ▷ Conhecimentos de inglês falado e escrito,
- ▷ Conhecimentos da informática: Offices ambiente Windows na óptica do utilizador.

OUTRAS INFORMAÇÕES

- ▷ Carta de condução de ligeiros,
- ▷ Conhecimentos da mecânica auto,
- ▷ Conhecimentos de pintura auto.


Orlando Cossa

Maputo 2004

Contacto: 082 834025